



## **Edição 2016 em Maringá/PR**

**Apresentação:** Os Congressos de Boquinhos são abertos aos interessados com o objetivo de veicular a produção científica relacionada ao uso, aplicação e atualizações de produtos do Método das Boquinhas.

**Expediente:** Periodicidade bianual, com corpo editorial da autora Dra Renata Jardim e Multiplicadores certificados. Sede em Bauru, Rua Hermínio Pinto, 6-38, CEP: 17.013-201.

**Normas para publicação:** Pôster ou Apresentação Oral, com normas divulgadas no ano do congresso.

## BOQUINHAS NA ALFABETIZAÇÃO

Rosemary Marcia de Azevedo<sup>2</sup>

[rosemaryazevedo50@yahoo.com.br](mailto:rosemaryazevedo50@yahoo.com.br)

Maria Aparecida Ferreira Curilem Mardones<sup>3</sup>

[cidacurielm@yahoo.com.br](mailto:cidacurielm@yahoo.com.br)

Prefeitura Municipal de Itabirito

### INTRODUÇÃO

O trabalho apresentado tem como referencial o Método das Boquinhas. Metodologia visuofonoarticulatória, criada por Renata Jardini e aplicada em crianças de Escolas Municipais da cidade de Itabirito. Estas crianças apresentaram dificuldades na aquisição da leitura e escrita em anos anteriores. Considerando a importância da escrita e da leitura para a formação integral dos alunos, iniciamos em fevereiro de 2016 um projeto piloto, monitorando alunos em processo de alfabetização. Este trabalho testa a eficácia do Método das Boquinhas, além de oportunizar a professoras e supervisoras que trabalham com estes alunos, formação nesta metodologia, vivenciando experiências novas e ricas em estratégias sensoriais. A intervenção com as crianças continuará até o final do ano letivo de 2016, a evolução está sendo monitorada, sendo avaliados os processos de aquisição de leitura e escrita.

### OBJETIVO GERAL

Verificar a eficácia da intervenção, usando o Método das Boquinhas, em crianças com dificuldades escolares no período de alfabetização.

### DESENVOLVIMENTO

A intervenção está sendo realizada com 36 crianças, conforme quadro abaixo:

	<b>Escola Municipal</b>	<b>Número de alunos</b>	<b>Ano/série</b>
<b>Grupo A</b>	“Laura Queiroz”	17	2ºano(14) 3º ano(3)
<b>Grupo B</b>	“Manoel Salvador”	17	2º ano
<b>Grupo C</b>	“Guilherme Hallais”	1	4º ano
	“Pe Antônio Cândido”	1	4º ano
	<b>Total</b>	<b>36</b>	

Os 2 alunos do 4º ano, **Grupo C** apresentam diagnóstico da Síndrome de Irlen.

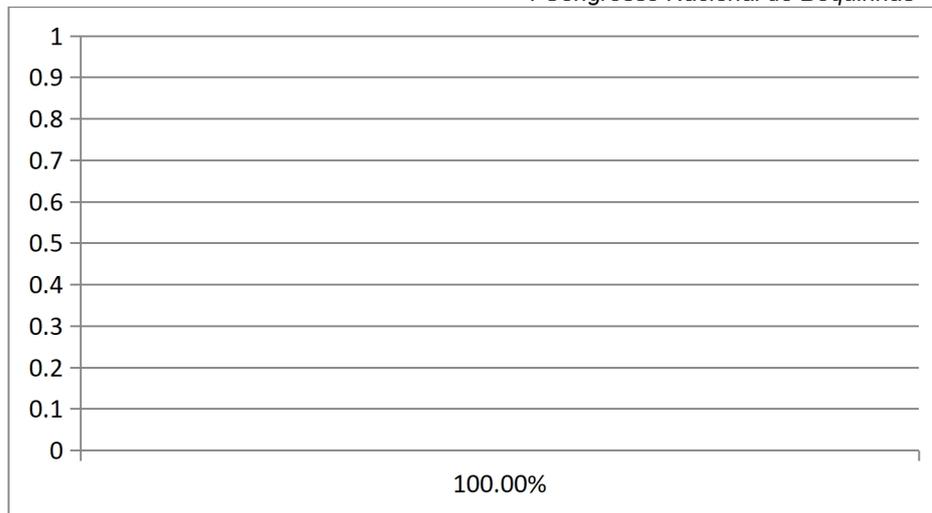
Inicialmente foi realizado um teste com o **Grupo A** de 17 crianças da Escola Municipal “Laura Queiroz”. A faixa etária varia entre 8 a 10 anos completos ou a completar durante o ano. Nesse universo temos crianças com dificuldade acentuada na visão e na fala. Um dos alunos sofreu falta de oxigenação no cérebro na hora do parto. Dois alunos com laudo CIDF70 (Déficit intelectual) e CIDF90 (TDAH), sendo uma com quadro de epilepsia grave com crises noturnas. Os outros com defasagens de conceitos trabalhados na educação infantil e todos com autoestima baixíssima. Estas crianças foram avaliadas por meio do IAR (Instrumento de Avaliação do Repertório Básico para Alfabetização) de Sérgio Antônio da Silva Leite. Foram avaliados os seguintes critérios: esquema corporal, lateralidade, posição, direção, espaço, tamanho, quantidade, forma, discriminação visual, discriminação auditiva, verbalização de palavras, análise/ síntese e coordenação motora.

### **Porcentagem das dificuldades por habilidade avaliada** **IAR (Instrumento de Avaliação do Repertório Básico para Alfabetização)**

<sup>2</sup> Pedagoga, especialista em Supervisão Pedagógica, Psicopedagoga, Screener em Síndrome de Irlen, Mediadora de Enriquecimento Instrumental, professora do município de Itabirito e Multiplicadora do Método das Boquinhas.

<sup>3</sup> Pedagoga, especialista em Supervisão Pedagógica, Screener em Síndrome de Irlen, Mediadora de Enriquecimento Instrumental, supervisora do município de Itabirito e aplicadora do Método das Boquinhas.





Analisando o resultado do teste, pode-se perceber que os pré requisitos para a alfabetização não foram consolidados neste grupo de crianças. Assim foi organizado um trabalho tendo como base o Livro Boquinhas na Educação Infantil de Renata Jardini. Os exercícios selecionados deste livro foram aqueles que contemplam as habilidades de consciência e habilidade corporal; consciência fonológica, fonêmica e fonoarticulatória; desenvolvimento cognitivo; processamento visuo-motor; processamento auditivo; habilidade espaço-temporal e treinos motores. Optou-se por trabalhar as atividades do Livro Boquinhas na Educação Infantil, no período de aulas da tarde, sendo a Escola de Tempo Integral.

As atividades de processamento auditivo do Livro Boquinhas na Educação Infantil foram encaminhadas para as aulas semanais de Música. Vale aqui expor que todos os alunos da Rede Municipal de Itabirito matriculados nas turmas do 1º ao 5º ano têm aulas de música com professores especializados como parte integrante do currículo. O planejamento das aulas de música nas turmas de alfabetização foi organizado para estimular o desenvolvimento das habilidades necessárias à aquisição da leitura e da escrita. É um trabalho de refinamento da percepção auditiva.

As atividades que trabalham o esquema corporal, a coordenação motora e lateralidade foram orientadas para as aulas semanais de Educação Física.

Durante o período regular de aulas foram trabalhados os fonemas : /a/, /e/, /i/, /o/, /u/, /l/, /v/, /p/, usando a coleção Novo Alfabetização com as Boquinhas de Renata Jardini volumes 1 e 2 com todos os 36 alunos.

Os alunos do **Grupo B**, “Escola Municipal Manoel Salvador”, realizam as atividades em período regular de aulas porque a escola não possui tempo integral.

**Os alunos do Grupo C** recebem atendimento individualizado em sua própria Escola uma vez por semana, usando as atividades do Novo Boquinhas na alfabetização.

Todos os 36 alunos, quando necessário, são encaminhados para triagem no CMAEE (Centro Municipal de Atendimento Educacional Especializado). O CMAEE é composto pelos profissionais: psicopedagogo, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, psicólogo, screener para Síndrome de Irlen e as aplicadoras do Método das Boquinhas. Com a parceria da Saúde Municipal são encaminhados, mensalmente, alunos para avaliação oftalmológica no Centro Municipal de Especialidades.

## CONCLUSÃO

As crianças que trabalharam, até o presente momento, as habilidades do Livro do Boquinhas na Educação Infantil, mostraram-se mais aptas ao desenvolvimento da leitura e escrita. A professora, regente da turma, percebeu mudanças na caligrafia, lateralidade, coordenação motora fina, habilidade de percepção auditiva e de percepção do todo e das partes.

O planejamento das aulas de música, contemplando o processamento auditivo, facilitou a aliteração, a divisão silábica e a rima.

As crianças sentiram-se privilegiadas por ter um trabalho diferenciado: uso do espelho com as Boquinhas e cartaz das Boquinhas.

A intervenção propicia uma prática multissensorial para as crianças e tem contribuído para que a professora regente crie outros recursos sensoriais, estimulando os alunos em todas as disciplinas.

O desenvolvimento das crianças, a partir da intervenção pedagógica, se tornou objeto de reflexão dos profissionais envolvidos: supervisora, professora regente, monitora e aplicadora do



Método Boquinhas. Trabalho em conjunto na avaliação e condução da intervenção.

Todos os alunos apresentaram evolução nas etapas da escrita, estão na etapa do silábico qualitativo 31 alunos correspondendo a 86,1 % do total. Já estão começando a ler 11 alunos que corresponde a 44,4 %. Mas todos estão muito entusiasmados para ler. Estão sendo monitorados muito de perto e pedem ajuda quando precisam porque sempre querem fazer de acordo com as Boquinhas.

Todos os alunos tem acompanhamento individualizado pela professora, monitora e aplicadora do Método Boquinhas, desta forma eles se sentem apoiados, motivados e seguros.

No **Grupo A** (Escola Laura Queiroz) dois alunos apresentam diagnóstico de comprometimento cognitivo. Ambos apresentaram evolução. Um deles avançou mais e reconhece as letras, melhorou muito a coordenação motora, percebe todos os fonemas trabalhados e os grafemas correspondentes, avançando para o nível de escrita silábica alfabética. Este aluno tem também uma deficiência visual, mas se apoia muito no suporte auditivo do Método das Boquinhas.

Do ponto de vista pedagógico o Método tem se mostrado muito eficaz. Crianças com dificuldade na percepção visual, tem o suporte do auditivo e do articulatório. Como é o caso das duas crianças com Síndrome Irlen.

O Método trabalha, do mais simples para o mais complexo. Assim propicia mais segurança para estas crianças tão marcadas pelo fracasso escolar.

O professor se sente seguro porque tem um caminho bem demarcado, com rotina definida para alunos também. A rotina transmite segurança para as crianças, especialmente as mais agitadas.

A Metodologia do Boquinhas dá ao professor recursos para a mediação dos alunos. Articulado o fonema, observando-o no espelho. O registro correto dos grafemas é garantido. Não existe o erro, porque o caminho está todo sinalizado.

A intervenção será finalizada em dezembro de 2016. Mas já temos resultados que comprovam a eficácia do Método das Boquinhas em crianças que apresentaram dificuldades na alfabetização.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

JARDINI, R.S. **Boquinhas na Educação Infantil: Livro do aluno**. Colaboração de Alessandra Baquete Cunha, Alexandra Soriani Moteka, Carolana Luna Baptista Pinto. Bauru, SP: Boquinhas Aprendizagem e Assessoria, 2012.

JARDINI, R.S. **Boquinhas na Educação Infantil: Livro do aluno**. Colaboração de Alessandra Baquete Cunha, Alexandra Soriani Moteka, Carolina Luna Baptista Pinto. Bauru, SP: Boquinhas Aprendizagem e Assessoria, 2012.

JARDINI, R.S.; SOUZA, P.T. **Alfabetização com Boquinhas**. Livro do aluno. Colaboração de Alessandra Baquete Cunha, Alexandra Soriani Moteka, Carolina Luna Baptista Pinto. Bauru, SP: Boquinhas Aprendizagem e Assessoria, 2012.

JARDINI, R.S.; SOUZA, P.T. **Alfabetização com Boquinhas**. Manual do Educador. Colaboração de Alessandra Baquete Cunha, Alexandra Soriani Moteka, Carolina Luna Baptista Pinto. Bauru, SP : Boquinhas Aprendizagem e Assessoria, 2012.

JARDINI, R.S.; SOUZA, P.T. **Novos Livros Alfabetização com as Boquinhas**. Livro do aluno volumes 1 e 2. Colaboração de Alessandra Baquete Cunha, Alexandra Soriani Moteka, Carolina Luna Baptista Pinto. Bauru, SP: Boquinhas Aprendizagem e Assessoria, 2012.

## A AUTOMATIZAÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO ATRAVÉS DO JOGO REMATA

BAQUETE, Alessandra A.  
[alessandrafono2012@hotmail.com](mailto:alessandrafono2012@hotmail.com)

SAAD, Andressa Gouveia  
[andressa@metododasboquinhas.com.br](mailto:andressa@metododasboquinhas.com.br)

### INTRODUÇÃO

Sabemos que a motivação transforma o aprendizado de maneira mais efetiva e eficiente, pois melhora a concentração e memorização. Os jogos em sua competitividade fazem a criança desejar brincar e conseqüentemente aprender. Aproveitando essa oportunidade de interesse da criança, o Método das Boquinhas desenvolveu o jogo Remata, que é um jogo similar ao uno, porém com letras e bocas.

O objetivo do jogo é fixar o domínio da conversão fonema/ grafema por meio dos articulemas (letra/boca).

Este pode ser jogado de diversas formas e adaptado ao nível de desenvolvimento de cada jogador. As cartas do jogo podem ser usadas de diversas formas, até mesmo aproveitadas em outros jogos, diversificando as estratégias e favorecendo a automatização.

Durante as intervenções clínicas foi possível observar como as crianças desejavam jogar o REMATA em todas as sessões e como melhora a propriocepção e automatização das letras, tanto na alfabetização, como na discriminação das surdas/sonoras e sílabas complexas. Tudo isso de forma prazerosa, favorecendo ainda mais a aprendizagem.

### OBJETIVO GERAL

Proporcionar à criança uma maneira divertida, objetiva e fácil de memorizar as letras, bem como perceber as diferenças visuais, auditivas e articulatórias de cada uma.

### OBJETIVO ESPECÍFICO

- Desenvolvimento da consciência fonológica e fonoarticulatória.
- Estimulação da memória e discriminação visual, auditiva e fonoarticulatória.
- Desenvolvimento do léxico na linguagem oral.
- Nomeação das letras.
- Atenção.
- Cognição.
- Motivação e autoestima.
- Competitividade.
- Raciocínio.

### MATERIAL E MÉTODOS

Relataremos o caso de uma menina com dislexia mostrando o desenvolvimento e interesse da mesma através do jogo. É aluna da rede municipal de ensino da cidade de Marilândia do Sul, cursando a segunda série e recebendo atendimento uma vez por semana, em sessões de trinta minutos. Em todas as sessões realizamos uma atividade diferente utilizando o jogo ou as cartas do jogo. Algumas vezes desenvolvemos o encontro de outras crianças com o mesmo quadro e fazemos uma interação, afim de estimular a competitividade e motivação.

O jogo é composto de cartas brancas com bordas coloridas (azul, amarelo, vermelho e verde), letras maiúsculas em caixa alta e fotos das boquinhas relacionadas a cada fonema.

Pode ser jogado de várias maneiras sugeridas nas regras, como:

- Falar o som das letras.
- Falar o nome das letras.
- Falar uma palavra que comece com a letra.
- Falar adjetivos, substantivos, verbos e frases com a letra.

Cada jogador recebe sete cartas e uma é virada à mesa, então inicia-se com uma criança que deverá colocar uma carta a mesa com a mesma cor ou letra da carta virada. Colocando a carta correspondente, a criança falará o som, o nome, palavras, verbos, substantivos, adjetivos ou



frases de acordo com o objetivo da terapeuta.

Além do próprio jogo Remata ser eficiente, podemos usar as cartas para discriminação surda/sonora confrontando-as, bem como as sílabas complexas. Pode também ser usado num jogo com trilhas que a criança cai em uma armadilha e terá que pegar uma carta e falar ou escrever uma palavra que inicie ou tenha aquela letra no nome.

Esse jogo pode ser usado de diversas formas aproveitando as letras e criando novas estratégias criativas para que a terapia seja motivadora, interessante e eficiente.

## DISCUSSÃO

Discutiremos agora o desenvolvimento da criança que chamaremos de **Caso M.**

**M.** iniciou terapia com quatro anos por apresentar uma fala ininteligível com muitas trocas. Trabalhamos durante um ano e meio até conseguirmos a articulação correta. Durante o período de educação infantil fomos percebendo as dificuldades na consciência fonológica, processamento auditivo e linguagem. Orientamos os professores sobre a pré-dislexia e intensificamos os cuidados com relação à alfabetização (pré-requisitos).

Ao iniciar a escolarização tivemos uma pausa no atendimento fonoaudiólogo no primeiro semestre, ficando apenas com o trabalho em sala de aula com boquinhos. Durante esse semestre não conseguiu memorizar nenhuma consoante, apenas as vogais, com a escrita na fase silábica.

No segundo semestre retornou o atendimento fonoaudiológico, o qual observamos a severidade na dificuldade de memorização das letras, bem como a frustração e falta auto estima. Notamos a mãe sem perspectivas e também muito frustrada.

Iniciamos o trabalho com o Remata em todas as terapias, afim de gerar motivação e confiança, já que as bocas favorecem o reconhecimento da letra. Diversificamos as maneiras de jogar e fomos desenvolvendo o trabalho a cada sessão. Algumas vezes emprestamos o jogo para brincar com a família. Mãe participa da terapia se apropriando do jogo e dando continuidade em casa. A professora nos auxilia desenvolvendo um bom trabalho de boquinhos em sala de aula.

Em seis meses **M.** estava lendo palavras com sílabas simples, e confundindo bem menos as letras.

Hoje já está lendo sílabas complexas, compreende o que lê e estamos enfatizando a escrita, que por hora ainda apresenta muitas trocas. Apesar das trocas na escrita está acompanhando o segundo ano sem maiores dificuldades.

A professora referiu que depois que começamos as intervenções facilitou muito o trabalho, pois hoje **M.** está mais confiante e interessada.

## CONCLUSÃO

Apesar de trabalhar há dez anos com o método e vibrar com a evolução das crianças, cada caso nos surpreende em suas peculiaridades.

Nesse caso, entre muitos outros, foi perceptível o quanto a motivação e a brincadeira, deixa a criança relaxada e com vontade de aprender. O fato das boquinhos virem acima da letra, deixa a criança confiante de que pode acertar e competir com eficiência. A repetição visual, auditiva e sinestésica em cada sessão, motivada por um jogo, faz com que a criança nem perceba que está estudando e quando nos damos conta, já automatizou.

O mais gratificante é perceber a satisfação da criança em conseguir fazer, perceber que já sabe ler, ver o sorriso da mãe antes desacreditada, e poder contar com uma professora cada vez mais motivada e confiante.

Em todos os casos em que usamos esse jogo, o resultado veio muito rápido e hoje podemos referi-lo como o “coringa” da terapia de aprendizagem.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

JARDINI, R. S. R.; SOUZA, P. T. **Alfabetização com Boquinhos**: Aluno. 4.ed. Bauru: Boquinhos, 2011.

JARDINI, R. S. R. e GUIMARÃES, V.A. **Aprender + com boquinhos: aluno**. Bauru: Boquinhos, 2013. JARDINI, R. S. R. **Método das Boquinhos: alfabetização e reabilitação dos distúrbios da leitura e escrita - Livro 1, fundamentação teórica**. 3.ed. Bauru: Boquinhos, 2010. JARDINI, R. S. R. **Boquinhos no desenvolvimento infantil: Aluno**. Bauru: Boquinhos, 2011.



## O USO DO MÉTODO DAS BOQUINHAS COM CRIANÇA NA TRANSIÇÃO DA HIPÓTESE PRÉ SILÁBICA PARA SILÁBICA COM VALOR

BEGIATO, Annalisa de Faria  
[annabegiato@gmail.com](mailto:annabegiato@gmail.com)  
CANALLE, Gláucia Mietto  
[gmcanalle@gmail.com](mailto:gmcanalle@gmail.com)  
Colégio Divino Salvador – Jundiá/SP

A criança de cinco anos encontra-se em uma fase de diferentes descobertas e observa-se que uma delas está atrelada a leitura e escrita de palavras que se dispõem no seu dia a dia. Nessa fase é despertada a curiosidade pela leitura de diversos portadores de textos atrelados ao convívio da criança, sejam eles dentro ou fora do ambiente escolar de maneira formal e/ou informal.

Na escola, diante do interesse apresentado nessa fase, cabe ao professor propiciar oportunidades de exploração do ambiente alfabetizador, facilitando a apropriação do conhecimento da escrita e favorecendo o seu domínio. Através dos estímulos recebidos, que podem ser visuais, auditivos e sinestésicos, a criança passa a perceber que o ato de escrever é funcional e necessário para a sua vida, visando a comunicação em diversas situações. Segundo Ferreiro e Teberosky, 1991, a escrita é uma maneira de representação daquilo que é funcionalmente significativo, estabelecendo um sistema de regras próprias. Para que a aprendizagem da língua escrita ocorra, o indivíduo precisa conhecer o sistema de regras e esse conhecimento acontece de forma gradual. Sendo assim, o contato com portadores de textos favorece o reconhecimento da função social da escrita e conduz sua aquisição de uma maneira mais eficaz.

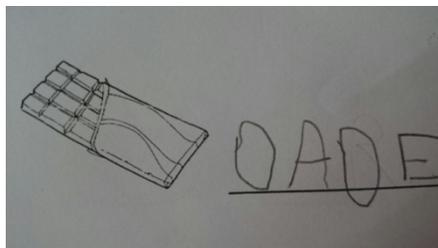
De acordo com o interesse apresentado pelas crianças é proposto como instrumento principal o “Método das Boquinhas”, desenvolvido por Renata Jardini e que é utilizado como ferramenta com o objetivo de facilitar a leitura e a escrita realizada pela criança.

Nesse contexto, viabilizamos sondagens de escrita espontânea com o intuito de identificar em que fase da escrita a criança se encontra. A escrita é realizada individualmente (criança e professor) em um ambiente tranquilo e sem influências do meio como: interferências visuais e auditivas, seguindo o processo de sondagem de Emília Ferreiro e Ana Teberosky.

Com a utilização do “Método das Boquinhas”, a criança utiliza como ferramenta um espelho para a visualização fonovisuarticulatória da palavra e também é composta por quatro imagens do mesmo campo semântico, classificadas pelo número de sílabas em ordem decrescente (polissílaba, trissílaba, dissílaba e monossílaba). A criança identifica a imagem e diz seu nome em voz alta para depois escrevê-lo, refletindo sobre cada som produzido. Após o término da escrita a criança é orientada a realizar a leitura do que escreveu.

De acordo com Ferreiro e Teberosky, 1991, a escrita segue fases graduais e são elas:

Fase pré-silábica: a criança reconhece que a escrita é uma forma de representação e demonstra a intenção de escrever. Ela ainda não consegue diferenciar letras de números, não há correspondência entre fonema e grafema, acredita que a palavra representa o objeto e não seu nome, utiliza as letras do seu nome para a composição do que quer escrever e realiza a leitura global.

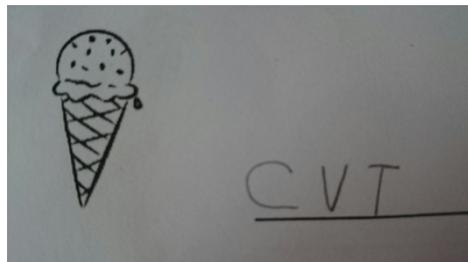


Fase silábica: a criança relaciona uma letra para cada sílaba, mas não necessariamente corresponde a letra ao seu valor sonoro.

a) Fase silábica sem valor sonoro: a criança não atribui valor sonoro para cada sílaba;



- b) Fase silábica com valor sonoro: a criança atribui o valor sonoro para cada sílaba, podendo apresentar valor sonoro para vogais ou consoantes.

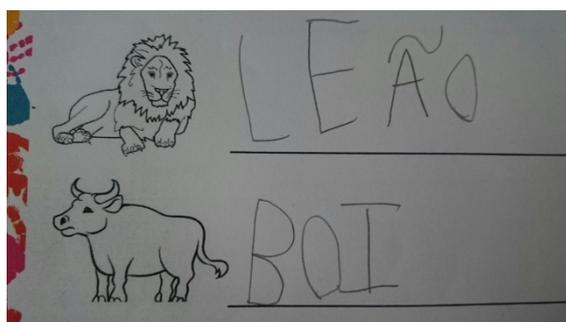


Nesta fase, costumam aparecer os conflitos: quantitativo (números de letras) ou qualitativo (repetição da mesma letra).

Fase silábica alfabética: compreende que a escrita representa os sons da fala. Percebe a necessidade de mais de uma letra para a maioria das sílabas, aumenta a utilização da quantidade de letras.



Fase alfabética: compreende o uso social da escrita: comunicação. Escreve foneticamente (faz a correspondência do som à letra). Nessa fase ainda é comum encontramos erros ortográficos. A criança conhece o valor sonoro de quase todas as letras, faz leitura com ou sem imagem, separa as palavras quando escreve frases.



Seguindo esse modelo de sondagem, foi proposto no mês de fevereiro uma atividade de escrita espontânea com alunos de quatro a cinco anos, com objetivo de avaliar em qual fase da escrita cada criança se encontrava. Utilizando o “Mapa de acompanhamento da Sondagem”, sugerido por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, notou-se que de um total de 57 alunos, 48 se encontravam na fase pré-silábica

NOME DOS ALUNOS	DATA DE NASCIMENTO	DATA DA SONDAAGEM	OBSERVAÇÕES DO PROFESSOR				
		__/__/__	__/__/__	__/__/__	__/__/__	__/__/__	

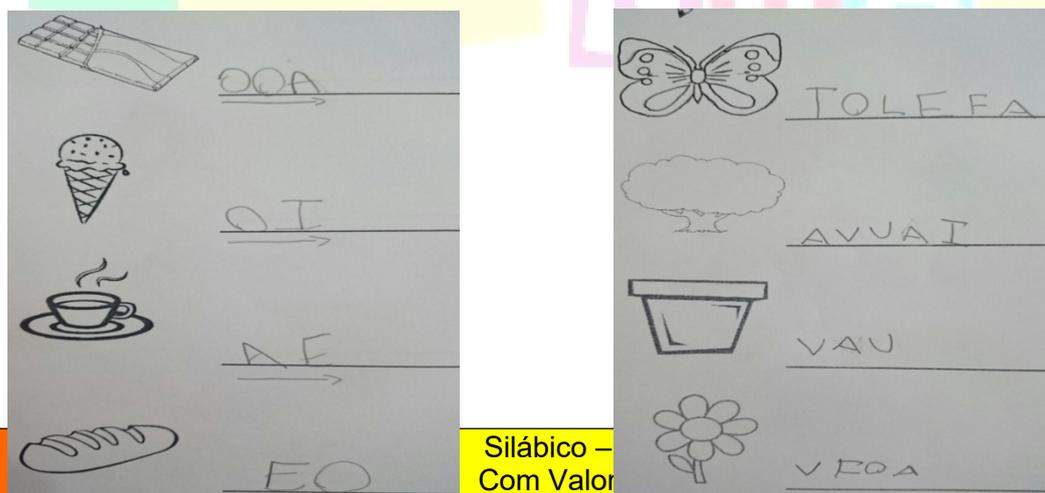
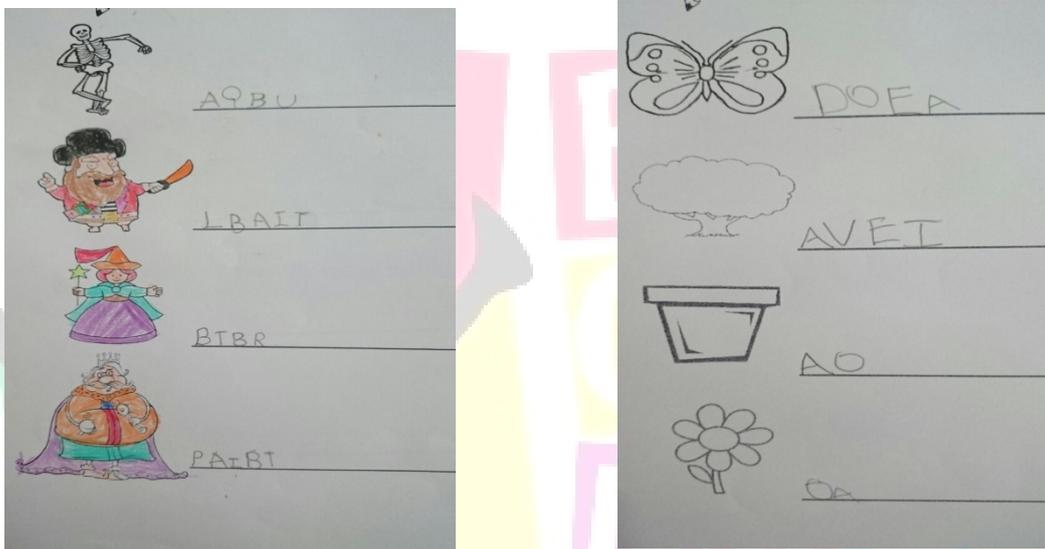
e 9 na fase silábica com valor. Após três meses de intervenção, obteve-se um avanço significativo no processo da aquisição da escrita, onde 42 alunos encontram-se atualmente na fase silábica com valor. Sendo assim, 33 alunos avançaram de fase.

1							
2							
3							
4							

Esse resultado foi obtido devido a utilização do “Método das Boquinhas” em atividades proporcionadas em sala de aula, visando as dificuldades apresentadas nas sondagens. As boquinhas estão constantemente presentes no cotidiano dos alunos através de atividades lúdicas onde as professoras desenvolvem atividades de registro que são apresentadas seguindo a sequência das letras e estratégias (presença e ausência; começo, meio e fim; confronto) propostas pelos livros “Alfabetização com Boquinhas”.

Fica evidente que o Método das Boquinhas favorece a percepção da função da escrita pela criança, sendo prazerosa e significativa tanto para ela quanto para o professor, e também para os pais que, durante o processo, fizeram colocações favoráveis às conquistas alcançadas.

### EVOLUÇÃO DA ESCRITA



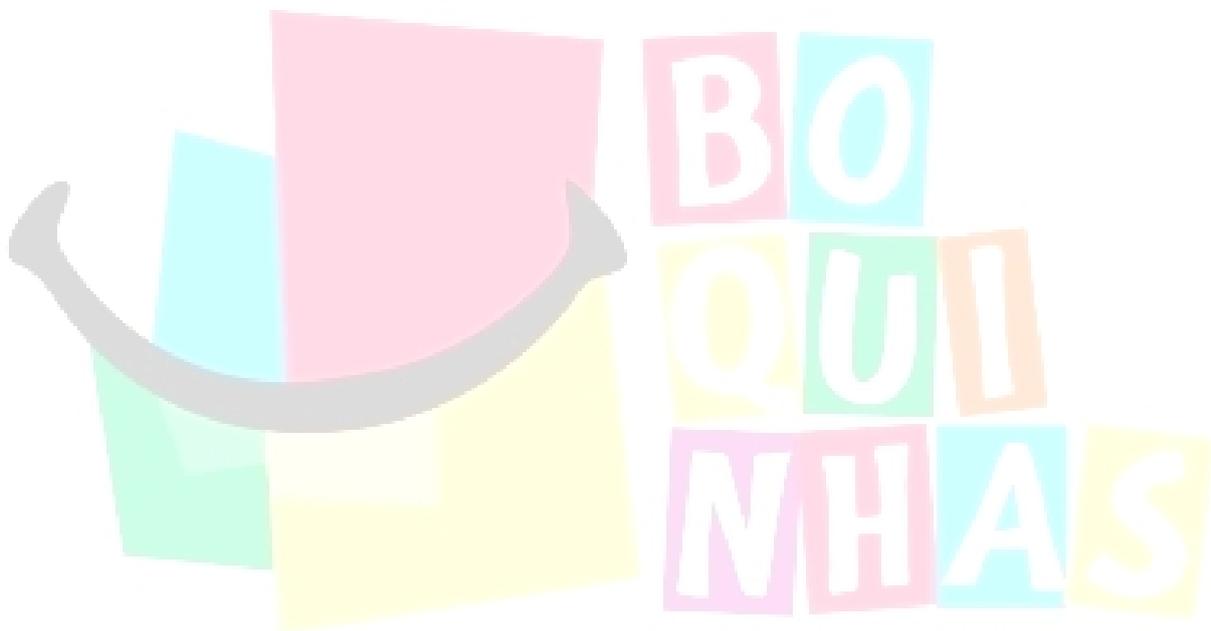
Pré-Silábico	Valor Sonoro	Com Valor Sonoro	Silábico – Com Valor Sonoro - Consoante	alfabético	Alfabetico
--------------	--------------	------------------	---	------------	------------

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

[www.metododasboquinhas.com.br](http://www.metododasboquinhas.com.br)



FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da Língua Escrita*. 4ª Edição, Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.



## **USO SOCIAL DE COMANDOS BÁSICOS EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NÃO VERBAL**

CAMPOS, Claudiane M.

[claudiane@metododasboquinhas.com.br](mailto:claudiane@metododasboquinhas.com.br)

Centro Integrado psicoterapêutico – CIP

A intervenção com pacientes que apresentam Transtorno do Espectro Autista não verbais, vem sendo a maior demanda no Centro Integrado Psicoterapêutico – CIP, Cuiabá-MT. Os pacientes são atendidos de forma multidisciplinar e interdisciplinar com os profissionais da Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional e Psicologia. Apresenta-se a intervenção realizada com uma paciente de 08 anos, sexo feminino, com diagnóstico primário de Síndrome de West e secundário para Transtorno do Espectro Autista. A Síndrome de West é um tipo raro de epilepsia, chamada de "epilepsia mioclônica". As convulsões que a doença apresenta são chamadas de mioclonias e podem ser de flexão ou de extensão, e afetam geralmente crianças com menos de um ano de idade. São como se, de repente, a criança se assustasse e quisesse agarrar uma bola sobre o seu corpo. Os espasmos são diferentes para cada criança. Podem ser tão leves no início que não são notados ou pode-se pensar que originam-se de cólicas. Cada espasmo começa repentinamente e dura menos de alguns segundos. Tipicamente, os braços se distendem e a cabeça pode pender para frente e os olhos fixam-se em um ponto acima (Tic de SAALAM). No início, a criança pode experimentar somente um ou dois espasmos por vez, mas, no decorrer de um período de dias ou semanas, estes evoluem para dúzias de espasmos que ocorrem em intervalos de poucos segundos. As convulsões são de difícil controle, e a criança pode chegar a ter mais de 100 convulsões por dia. Cada espasmo é uma crise epiléptica (ataque epiléptico) composta de uma série de movimentos descontrolados, causados por um excesso de atividade elétrica no cérebro. Estes ataques foram primeiramente descritos pelo Dr. West (1841) em relação ao seu próprio filho.

A Síndrome de West é multifatorial e certos casos podem ter suscetibilidade poligênica ou pode ser completamente ambiental. Algumas crianças podem chorar e/ou gritar antes ou após as convulsões e mostram-se geralmente muito irritadas. O período mais crítico para as convulsões são a hora de dormir ou de acordar, onde a Síndrome apresenta toda a sua face mais cruel. Nestes momentos ocorre a perda das aquisições cognitivas. Criança com Síndrome de West apresentam como comorbidade ou quadro secundário, características do quadro de Transtorno do Espectro Autístico. O autismo, uma grave e complexa alteração do desenvolvimento, pode ser diferenciado de outros transtornos por meio de critérios diagnósticos descritos no DSM-IV (manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais) e CID-10 (classificação internacional das doenças).

Os quadros que compõem o espectro autístico caracterizam-se pela tríade de impedimentos graves e crônicos nas áreas de interação social, comunicação verbal e não verbal e interesses afetando o comportamento, a comunicação/linguagem e a sociabilização. Existe uma grande variabilidade de sinais e sintomas em pessoas com autismo. Entretanto, há uma marcada alteração em domínios como habilidade social, comunicação/linguagem e comportamento antes do terceiro ano de nascimento. Uma das mais intrigantes manifestações deste prejuízo é que desde pequenos parecem não se interessar pelo contato social com o outro (Hill e Frith, 2003). Segundo o recorte da Tabela abaixo, o item B em destaque nos coloca na posição de intervir quanto ao aspecto da comunicação que está diretamente ligado a interação social.

### **Tabela - Critérios Diagnósticos para o Transtorno Autista (299.00).**

**B. Atrasos ou funcionamento anormal em pelo menos uma das seguintes áreas, com início antes dos 3 anos de idade: (1) interação social, (2) linguagem para fins de comunicação social, ou (3) jogos imaginativos ou simbólicos.**

**Fonte: DSM IV (FIRST, FRANCES e PINCUS, 2000).**

O trabalho com uso do método das boquinhas esta pautado nos estudos com os "neurônios espelhos". Consideramos que a etiologia de base primária não refere há alteração em neurônios espelho, agregamos esta habilidade no objetivo do trabalho com uso do Método das Boquinhas. Os neurônios espelho foram descobertos por Rizzolatti e colaboradores na área pré-motora de macacos Rhesus na década de 90 (Gallese, Fadiga, Fogassi, & Rizzolatti, 1996; Rizzolatti, Fadiga, Gallese, & Fogassi, 1996). Estes pesquisadores demonstraram que alguns neurônios da área F5, localizada no lobo frontal, que eram ativados quando o animal realizava um movimento com uma finalidade específica também eram ativados quando o animal observava um outro indivíduo realizando a mesma tarefa



A importância desta descoberta para a compreensão direta da ação e/ou da intenção do outro ser humano foi imediatamente percebida (Gallese et al., 1996; Rizzolatti et al., 1996; Rizzolatti & Craighero, 2004). Ou seja, os neurônios espelho, quando ativados pela observação de uma ação, permitem que o significado da mesma seja compreendida automaticamente (de modo pré-atencional) que pode ou não ser seguida por etapas conscientes que permitem uma compreensão mais abrangente dos eventos através de mecanismos cognitivos mais sofisticados. Além de um estímulo visual explícito (observação de uma ação), estes neurônios podem também ser ativados por eventos que possuem apenas relação indireta com uma determinada ação, como: a partir de um som habitualmente associado a uma ação.

Da mesma forma, não é só a ação manual que é capaz de ativar os neurônios espelho. Por exemplo, existem neurônios-espelho que são ativados quando o macaco executa e/ou observa ações relacionadas com a boca, tais como lamber, morder ou mastigar alimentos, movimentos isolados e contínuos. Além disso, na mesma região onde são encontrados estes neurônios existe uma pequena porcentagem de células que dispara quando macaco observa o experimentador fazer ações faciais comunicativas na sua frente (Ferrari, Gallese, Rizzolatti, & Fogassi, 2003). Em um outro estudo foram comparadas as regiões cerebrais ativadas pela observação de ações comunicativas da região orofacial de cães (latir), macacos (movimentos labiais) e humanos (fala em silêncio). Os resultados, em seres humanos, mostraram que a observação da fala em silêncio ativa a área de Broca no hemisfério esquerdo e a observação dos movimentos labiais de macacos ativa uma parte menor da mesma região cerebral em ambos os hemisférios, mas que a observação do latir do cão só ativa áreas visuais extra-estriadas (Buccino, Binkofski, & Riggio, 2004). Ou seja, quando a ação observada (o latir) não faz parte do repertório de ações do ser humano, os neurônios espelho não são ativados (Buccino et al., 2004, Gallese, 2005).

Acreditamos que no ser humano estas áreas são ativadas uma vez que os fonemas, sílabas e palavras estão presentes na nossa comunicação. Os neurônios espelho foram associados a várias modalidades do comportamento humano: imitação, teoria da mente, aprendizado de novas habilidades e leitura da intenção em outros humanos (Gallese, 2005; Rizzolatti, Fogassi, & Gallese, 2006) e a sua disfunção poderia estar envolvida com a gênese do autismo. Estes resultados mostraram que a área de Broca não está somente envolvida com o processamento da linguagem oral e do significado de gestos linguísticos. A homologia proposta entre a área de Broca e a área F5 dos macacos, junto com a comprovação recente da participação da área de Broca no SNE sugere que os neurônios espelho podem ter contribuído para a gênese da linguagem humana, servindo de base para a apropriação simbólica de atos motores. Mas esses neurônios-espelho permitem não apenas a compreensão direta das ações dos outros, mas também das suas intenções, o significado social de seu comportamento e das suas emoções. Pessoas com autismo gastam menos tempo investigando a região dos olhos do interlocutor, tendendo a fixar o olhar na região da boca (KLIN et al., 2002a).

Com base nos estudos relacionados, a intervenção fonoaudiológica enfatizou os comandos básicos para a comunicação, com uso do Método das Boquinhas. A intervenção iniciou-se em março de 2016, 02 sessões por semana. Utilizou-se a estratégia de pareamentos de articulemas dos jogos “Remata e Troca Bocas”, associado à ficha de comunicação com uso real. O jogo “Trocadas bocas” objetiva o aumento do vocabulário, formando novas palavras, inserindo e/ou eliminando letras; desenvolver a consciências fonêmica e fonoarticulatória, desenvolver a alfabetização com bases fonovisuoarticulatória por meio das boquinhas. Utilizamos este jogo inicialmente com a atividade de pareamento das vogais, com visemas/grafemas e visemas/visemas. Objetiva-se proporcionar a imitação fonoarticulatória, habilidade de consciência fonológica e fonética, o reconhecimento da grafia, apontar, comunicação, habilidade visual, uma vez que crianças com TEA apresentam melhor direcionamento para a boca do interlocutor e não para os olhos. A construção e a realização da atividade, trabalha a flexibilização, antecipação e sistematização da comunicação. Inicia-se com fichas de comunicação representando “oi”, “sim” e “não”. Treina-se o apontar para as fichas respectivas ao contexto. Cabe ressaltar que esta comunicação se estendeu para a sessão com a terapeuta ocupacional. Com isso, buscamos estender uso funcional dos comandos comunicativos, da postura para leitura e escrita, bem como da evolução da habilidade de motricidade fina. Após alguns meses, refinou-se as atividades solicitando a leitura com os dedos e a entrega da ficha ao interlocutor. As atividades são escolhidas pela paciente. A mesma tem total liberdade para solicitar o que deseja realizar. Para este comando ela realiza o apontar associado a uma vocalização e direcionamento do olhar para o interlocutor e objeto de desejo.

Quando necessitamos trocar de atividade e paciente não quer, a mesma entrega a ficha do “não”, busca a caneta para escrever o que deseja comunicar. Atualmente realiza-se o apontar, entrega da ficha, leitura e a escrita “sim” ou “não”. Ao passo que solicitamos a escrita, conseguimos que a comunicação se torne mais elaborada, o que chamamos de comunicação ampliada. Percebe-se um avanço na comunicação, no apontar, na escrita, na vocalização, tempo de tolerância, diminuição dos comportamentos indesejados, nas habilidades de leitura e escrita. A equipe multidisciplinar se reúne com a escola, compartilhando das estratégias utilizadas com os alunos. A próxima etapa já



foi iniciada com a estratégia anterior porém com o seu nome e as palavras “mãe e pai”. Há um relato da mãe descrevendo o comportamento de sua filha, na casa da avó, onde a mesma levou a caneta para a mãe na sala, comunicando o desejo de utilizar um objeto que estava no quarto. Neste momento a mãe fez a pergunta se ela queria escrever sim. Como resposta, a paciente vocalizou “sim” associado ao gesto com a mão. Em seguida ambas foram para o quarto, a mãe pegou o papel, a filha escreveu sim e apontou o objeto. Temos a certeza de que estamos no caminho para aperfeiçoar a comunicação com esta paciente. A mesma reconhece as vogais com uso ficha de boquinhas e estamos na fase da hipótese silábica, utilizando as fichas para preenchimento dos espaços correspondentes as vogais. Nesta sequência, a paciente preenche os espaços com as fichas, realiza a leitura com apoio do texto, vocaliza sons vocálicos e posteriormente os escreve. O uso das fichas de boquinhas para os comandos básicos proporcionou habilitar as vias multissensoriais, visual, fonoarticulatório, leitura e escrita. Nosso objetivo agora é proporcionar a leitura e escrita de novos comandos e nomes que façam do dia a dia da paciente.

## REFERÊNCIAS

- Buccino G, Lui F, Canessa N, Patteri I, Lagravinese G, et al. 2004a. Neural circuits involved in the recognition of actions performed by non-conspecifics: an fMRI study. *J. Cogn. Neurosci.* 16:1–14
- Buccino, G., Binkofski, F., & Riggio, L. (2004). The mirror neuron system and action recognition. *Brain and Language*, 89, 370–376
- Ferrari PF, Gallese V, Rizzolatti G, Fogassi L. 2003. Mirror neurons responding to the observation of ingestive and communicative mouth actions in the monkey ventral premotor cortex. *Eur. J. Neurosci.* 17:1703–14
- Ferrari, P. F., Gallese, V., Rizzolatti, G., & Fogassi, L. (2003). Mirror neurons responding to the observation of ingestive and communicative mouth actions in the monkey ventral premotor cortex. *European Journal of Neuroscience*, 17, 1703-1714.
- FIRST, M.B.; FRANCES, A.; PINCUS, H.A. Manual de diagnóstico do DSM-IV. Tradução: Dayse Batista. Porto Alegre:Artes Médicas, 2000. Original inglês.
- Gallese V, Fadiga L, Fogassi L, Rizzolatti G. Action recognition in the premotor cortex. *Brain*. 1996 Apr;119 ( Pt 2):593-609
- Gallese, V. (2005). What do mirror neurons mean? Intentional Attunement. The Mirror Neuron system and its role in interpersonal relations. Recuperado em 05 de Dezembro de 2006, de <http://www.interdisciplines.org/mirror/papers/1>
- HILL, E.L.; FRITH, U. Understand autism: insights from mind and brain. *Phil. Trans. R. Soc. Lond. B.*, v. 358, p. 281-89, 2003
- JARDINI, R. S. R. Método das boquinhas: alfabetização e reabilitação dos distúrbios da leitura e escrita. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. 2ª Ed. São José dos Campos: Pulso Editorial, 2008. 3ª Ed. Bauru: Boquinhas, 2010. (Livro 1, fundamentação teórica).
- JARDINI, R. S. R. Método das boquinhas: alfabetização e reabilitação dos distúrbios da leitura e escrita. (Livro 2, caderno de exercícios), São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, 2ª Ed. São José dos Campos: Pulso Editorial, 2008. 3ª Ed. Bauru: Boquinhas, 2011.
- KLIN, A.; JONES, W.; SCHULTZ, R.; VOLKMAR, F.; COHEN, D. Defining and quantifying the social phenotype in autism. *Am J Psychiatry*, v. 159, n. 6, p. 895-08, 2002a.
- Rizzolatti G, Fadiga L, Gallese V, Fogassi L. Premotor cortex and the recognition of motor actions. *Brain Res Cogn Brain Res*. 1996 Mar;3(2):131-41.
- Rizzolatti G, Fadiga L, Matelli M, Bettinardi V, Paulesu E, et al. 1996b. Localization of grasp representation in humans by PET: 1. Observation versus execution. *Exp. Brain Res*. 111:246–52
- Rizzolatti G. 2004. The mirror-neuron system and imitation. In *Perspectives on Imitation: From Mirror Neurons to Memes*, ed. S Hurley, N Chater. Cambridge, MA: MIT Press. In press
- Rizzolatti, G., Fogassi, L., & Gallese, V. (2006). Espelhos na mente. *Scientific American*, 55, 44-51

## INTERVENÇÃO COM A METODOLOGIA BOQUINHAS EM CRIANÇAS COM APRAXIA DE FALA

CAMPOS, Claudiane M.  
[claudiane@metododasboquinhas.com.br](mailto:claudiane@metododasboquinhas.com.br)

Consideramos o termo praxia para apresentarmos o conceito de fala. A fala é uma tarefa complexa que envolve grupos musculares e partes do corpo. Para sua realização, os movimentos devem ser executados em perfeita sintonia. Caruso e Strand (1999) apresentam o modelo de fala como: cognição= ideia; linguagem: acesso lexical, mapeamento fonológico, sintaxe; planejamento motor: planejamento, programação e execução. Sabemos que a fala está intimamente atrelada a praxia. O planejamento motor da fala envolve uma sequência de movimentos/ gestos articulatórios (propriocepção), seleção dos músculos e direção dos movimentos articulatórios, distância, velocidade, força e contração necessária para realizar o movimento. Consideramos também a hierarquia para o controle motor da fala, conforme apresenta Hayden, 1994 (Institute Prompt), prosódia, sequência de movimentos, coarticulação, controle lingual, planejamento de movimento anteroposterior e inferior-superior, controle lábio-facial, plano de movimento horizontal. Confere aqui a produção segmental, tempo e duração. Finalizamos com o controle mandibular, controle vertical, tônus, respiração e controle fonatório.

Desta forma quando encontramos a sincronia e sequencialização de todo o complexo esboçado acima podemos sinalizar a presença de um quadro de apraxia de fala. Em relação aos distúrbios de linguagem, o nível fonético e nível fonológico nem sempre foram bem especificados nos estudos que incidem sobre esta patologia. Este desconhecimento é compreensível, pois os dois tipos de distúrbios frequentemente coexistem. Os autores Aram e Nation (1982, p.146-166), diferenciam claramente dois níveis: fonético: produção da fala e fonológico: programação da fala. Esses autores chegaram à conclusão que nas apraxias da fala, coexistem ambos distúrbios. Shriberg e colaboradores (1997 a,b,c) confirmaram a existência de um distúrbio motor da fala (na ausência de uma patologia neuromuscular) que, para eles, vai traduzir-se por um déficit na sequência pré-articulatória dos alvos segmentais, ou seja dos fonemas a serem produzidos.

Apraxia de fala na Infância é um grave distúrbio motor na fala (neurológico) que afeta a habilidade da criança em produzir corretamente as sílabas e as palavras. Percebe-se nas crianças uma fala muito limitada e/ou ininteligível. As dificuldades estão em planejar os movimentos dos lábios, boca, língua e mandíbula para produção dos sons da fala. O cérebro tem dificuldade em coordenar os movimentos necessários para a fala. Segundo a Childhood Apraxia of Speech – CAS, apraxia é um distúrbio neurológico motor da fala na infância, resultante de um déficit na consistência e precisão dos movimentos necessários à fala, na ausência de déficits neuromusculares. Pode ocorrer como resultado de impedimento neurológico de origem desconhecida, associada a desordens neurodesenvolvimentais complexas, de etiologia conhecida ou não, como se fosse um distúrbio neurogênico ou idiopático de produção dos sons da fala. Esse comportamento impacta na habilidade da criança em posicionar, temporizar a sequência dos gestos articulatórios.

Considera também que corresponde a alteração nos parâmetros de planejamento e/ou programação espaço-temporal das sequências de movimentos e que resultam em erros na produção da fala e na prosódia. Faz-se necessário uma avaliação criteriosa de um fonoaudiólogo. A criança com apraxia tem dificuldade em produzir o fonema, melhor desempenho com vogais, porém estas poderão estar distorcidas, erros na fala com palavras que contém mais sílabas, erros na produção da frase, na prosódia e velocidade de fala, pobre repertório de fonemas, vogais e consoantes, imitação pobre ou reduzida com dificuldade em progredir nas imitações, esforço para falar e problemas com o processamento da linguagem. Em alguns casos a apraxia de fala pode estar associada a apraxia oral, apresentando assim dificuldade com movimentos de imitação dos órgãos fonoarticulatórios. Frente a estas manifestações, consideramos o uso do método das Boquinhas produz resultados favoráveis uma vez que a metodologia é multissensorial. Agrupa pistas: visuais, auditivas, táteis, proprioceptivas e cognitivas.

O Método Fonovisuoarticulatório, carinhosamente apelidado de Método das Boquinhas, utiliza-se além das estratégias fônicas (fonema/som) e visuais (grafema/letra), as articulatórias (articulema/Boquinhas). Seu desenvolvimento foi alicerçado na Fonoaudiologia, em parceria com a Pedagogia, que o sustenta, sendo indicado para alfabetizar quaisquer crianças e mediar/reabilitar os distúrbios da leitura e escrita. Sua fundamentação encontra-se também nos estudos de Dewey (1938), Vygotsky (1984, 1989), Ferreiro (1986), Watson (1994), entre outros, cujas ideias são resumidas numa percepção holística frente à alfabetização, tendo a visão da linguagem – em especial a fala



-, como ponto focal da aprendizagem. Muitas pesquisas e metodologias para reeducação de surdos foram propostas com bases articulatórias e fônicas, como Fernald (1943); Fernald e Keller (1921) que descrevera um método de decodificação cinestésico, em que a chave da aprendizagem residia no movimento da boca, e usava o traçado das letras aliado aos sons, enfatizando a memória da sequência visual. Gillingham e Stillman (1973) o VAK (visual-auditivo-cinestésico), em que há a associação do som ao nome das letras, usado em programas de educação especial para surdos. Mas em todos eles, a conotação pautava-se nas pistas cinestésicas, isto é, o movimento da boca. Apesar de fortes contribuições e ganhos na alfabetização, tanto de crianças com ou sem necessidades especiais, acreditamos que a pista fônica ainda é muito abstrata, exigindo alto grau de atenção e percepção auditiva, que, por vezes, não corresponde a totalidade dos aprendentes. Posto isso, e motivados por essas queixas, acrescentamos a este processo abstrato de produção de fonemas – o método fônico puro -, os pontos de articulação de cada letra ao ser pronunciada isoladamente (articulemas, ou boquinhas) e em seguida a formação de sílabas e palavras.

Desta forma, focalizamos a aprendizagem em uma boca concreta que produz o som, que está inserido dentro de palavras significativas, que por sua vez, estarão imersas em frases e textos. Essa abordagem foi baseada nos princípios da Fonologia Articulatória – FAR, que preconiza a unidade fonético-fonológica, por excelência, o gesto articulatório (Browman e Goldstein, 1986, 1990; Albano, 2001) como a unidade mínima de fala. Com os conhecimentos das neurociências e neuroimagens atuais pode-se afirmar que a Metodologia Boquinhas sendo multissensorial e fonovisuoarticulatória, atua no córtex cerebral pré-frontal. Essa constatação baseia-se no fato de que a área de Broca, situada nessa região, responsável pela articulação das letras é fortemente ativada com o trabalho de Boquinhas. Podemos afirmar, seguramente, que Boquinhas traz benefícios à memória imediata (*loop* – caminho fonológico), à memória de longa duração (*loop* – caminho articulatório), à atenção e, conseqüentemente, à cognição de um modo geral, melhorando as capacidades fonológicas dos usuários. A proposição teórica do Método das Boquinhas *viabiliza e favorece* a alfabetização a partir da conscientização da Consciência Fonoarticulatória. Assim, se torna um método oralista, fônico e articulatório de alfabetização, que além de viabilizar a aquisição da leitura e escrita pela fala, fortalece a correta articulação, propiciando uma mediação pedagógica e preventiva das alterações fonológicas de fala e processamento auditivo, reforçado nas orientações de atuação da Fonoaudiologia na Educação (CRFa- 2ª região, 2010).

Em Boquinhas é adotada a abordagem multissensorial, em que vários *inputs* neuropsicológicos são recrutados, em atividades elaboradas por meio de estimulação das percepções auditivas, visuais, consciência fonológica, análise e síntese, orientações espaço-temporais e outras. Entende-se, como descrito por Souza (2005), que a consciência fonológica é a habilidade de se refletir explicitamente sobre a estrutura sonora das palavras faladas, podendo manipular seus componentes (Carvalho e Alvarez, 2000), e a consciência fonêmica como a habilidade de se refletir sobre os fonemas. A consciência fonológica independe do significado das palavras, como ressaltam Stanovich et al. (2002). Já, as habilidades sintática, semântica e pragmática, ou seja, a consciência linguística ou metalinguagem, bem como as habilidades metacognitivas estão relacionadas ao período das operações concretas descritas por Piaget, desenvolvidas ao longo da aprendizagem escolar, a partir de programas de atividades específicas (YavaseHaase, 1988). Sintetizando, a consciência fonológica, seria a percepção e consciência acústica das letras “dentro” da palavra, em atividades elaboradas por meio de estimulação das percepções auditivas, visuais, consciência fonológica, análise e síntese, orientações espaço-temporais e outras.

Para a intervenção em crianças com apraxia de fala na infância, sugerem-se os *encartes individuais* associados ao CD com dos fonemas isolados, na sílaba inicial, medial e final. O uso do CD indicado com *headfone* propicia estimular as habilidades visuais associadas as auditivas e articulatórias. Trabalhos aqui a temporalização, velocidade, imitação, percepção, discriminação e posterior automatização dos fonemas. A apresentação é fonêmica, porem o fonema é apresentado em posições diferentes nas sílabas, complementamos o trabalho na co-articulação. O aplicativo Memória Inicial, Jogos “Memória Letra Inicial e Memória Sílaba Inicial”, Trocas Bocas e Boca Certa poderão ser utilizados. A escolha da estratégia bem como da hierarquia do material a ser utilizado, dependera do resultado da avaliação. Algumas crianças apresentam ininteligibilidade na fala enquanto que outras podem apresentar a produção de vogais, outras de consoantes, algumas de sílabas porem descontextualizadas entre outros.

O jogo “Troca-Bocas” objetiva aumentar o vocabulário, formando novas palavras, a partir da palavra sorteada, inserindo e/ou eliminando letras; desenvolver a consciência fonêmica e fonoarticulatória; desenvolver a alfabetização com bases fonovisuoarticulatórias por meio das boquinhas; ensinar a forma correta da representação gráfica do fonema sílaba e palavra. Por conter fichas avulsas dos fonemas vocálicos e consonantais, facilita a utilização independente do resultado da avaliação. O uso do erro construtivo, ou seja, apresentarmos os fonemas que são pares mínimos na mesma intervenção é parte integrante das orientações do método e encontramos a sua importância nos textos de Casana. Este poderá ser utilizado em qualquer momento durante o processo terapêutico. O aplicativo



memória letra inicial tem resultados expressivos a produção oral, uma vez que engaja a identificação do fonema por meio do visema, a percepção auditiva pela nomeação e a relação com consciência fonológica ao passo que a criança percebe o fonema inicial de determinada figura. Este aplicativo apresenta 3 fases que gradativamente atribui uma complexidade e nível de atenção no jogo. Percebemos uma participação efetiva da criança por ser uma atividade com instrumento eletrônico. Estes materiais contribuem no aprimoramento das habilidades de imitação oral, conhecimento do ponto e modo articulatorio, reconhecimento da posição do fonema na sílaba e na palavra, reconhecimento da sílaba tônica, prosódia, associação e análise do fonema ao articulema e consciência fonoarticulatória associada às habilidades de leitura e escrita. Sabe-se que criança com apraxia não apresenta comprometimento intelectual, o que beneficia o tratamento considerando tempo e eficácia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBANO, E. C. O gesto e suas bordas: esboço de fonologia articulatória do português brasileiro. Campinas: Mercado das Letras, 2001.
- BROWMAN, C.; GOLDSTEIN, L. Towards an articulatory phonology. *Phonol. Yearbook*, v. 3, p. 219-252, 1986.
- Caruso A., & Strand E. A. (1999). Motor speech disorders in children: Definitions, background and a theoretical framework. In A. Caruso & E. A. Strand (Eds.), *Clinical management of motor speech disorders in children* (pp. 1-27). New York, NY: Thieme.
- CARVALHO, I. A. M.; ALVAREZ, R. M. A. Aquisição da linguagem escrita: aspectos da consciência fonológica. *Fono. Atual.*, v. 1, n. 11, p. 28-31, 2000.
- DEWEY, J. *Experience and education*. New York: Macmillan, 1938.
- FERNALD, G.; KELLER, H. The effect of kinesthetic factors in development of word recognition in the case of non-readers. *Journal of Educational Research*, n. 4, p. 355- 377, 1921. FERNALD, G. M. *Remedial techniques in basic school subjects*. New York: McGrawHill, 1943
- FERREIRO, E. *Proceso de alfabetización: la alfabetización en proceso*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1986
- Hayden, D. (1994). Differential diagnosis of motor speech dysfunction in children. P.A. Square (Ed.), *Developmental apraxia of speech: assessment*. *Clinics in Communication Disorders*. 4 (2), 118-147.
- <http://www.apraxia-kids.org/library/treating-children-with-motor-speech-disorders>. *Treating Children with Motor Speech Disorders. A Multi-focal Approach to Speech Therapy For Children with Apraxia of Speech*.
- Shriberg LD<sup>1</sup>, Austin D, Lewis BA, McSweeney JL, Wilson DL. The speech disorders classification system (SDCS): extensions and lifespan reference data. *J Speech Lang Hear Res*. 1997 Aug;40(4):723-40.
- SOUZA, L.B.R. Consciência fonológica em um grupo de escolares da 1ª série de 1º grau em Natal – RN. *Rev. Soc. Bras. Fonoaudiol.*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 12-7, jan/mar, 2005.
- STANOVICH, K. E. *Progress in understanding reading: scientific foundation and new frontiers*. Nova York: The Guilford Press, 2000.
- YAVAS, F.; HAASE, G. V. Consciência fonêmica em crianças na fase de alfabetização. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 4, p. 31-55, 1988.

## **APRENDENDO COM AS BOQUINHAS: PROJETO DE REABILITAÇÃO NAS DIFICULDADES DE ALFABETIZAÇÃO**

DEL GROSSI, Edy Simone  
[simone.delgrossi@gmail.com](mailto:simone.delgrossi@gmail.com)  
Prefeitura Municipal de Londrina (PML)

### **INTRODUÇÃO**

O Método das Boquinhos surgiu numa época turbulenta da educação brasileira, pois o quadro de analfabetização estava crescendo assustadoramente entre os anos 1990 a 2000. Muitas crianças não

conseguiram apropriar-se do sistema de leitura e escrita, começou a aparecer uma série de indagações sobre o método de alfabetização que seria capaz de instrumentalizar as ações pedagógicas.

A concepção construtivista proposta por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1996) não foram compreendidas como processo de formação e de construção da leitura e da escrita. Muito se perdeu e se confundiu dentro da Teoria da Psicogênese da Língua Escrita (FERREIRO, 1996), por ser considerado um “método de alfabetização”. Sendo este, muito abstrato e complexo exigia alto grau de atenção e percepção auditiva e sua aplicabilidade era prejudicada devido à dificuldade de metodologias adequadas e da falta de interesse dos alunos no desenvolvimento dos exercícios propostos. Os professores e os alunos não souberam explorar essa “nova pedagogia” e o sistema educacional brasileiro se perdeu em meio de informações de “como se aprende”.

Diante deste cenário, surgiu o Projeto “Aprendendo com as Boquinhos” que visava alfabetizar e/ou reabilitar crianças que apresentavam dificuldades e distúrbios na leitura e na escrita que estavam cursando o 3º ou 4º anos do Ensino Fundamental I, nos anos 2010 a 2014 da Escola Municipal Mercedes Martins Madureira em Londrina, Paraná. Na tentativa de sanar as dificuldades apresentadas até o ano estabelecido para ser concluída a alfabetização, 3º ano do Ensino Fundamental I, foram elaborados vários projetos de contra turno nessa escola que visavam a Leitura e a Escrita como metas.

O Método das Boquinhos foi escolhido pela facilidade de aplicação e por estar ligado à teoria construtivista onde o aluno participa ativamente do próprio aprendizado mediante a experimentação e suas vivências. Essa experiência culmina na aquisição do conhecimento, no aprimoramento da consciência fonológica e também nas estimulações visuais e articulatórias da fala, para promover o processo de alfabetização.

Assim, produzindo estímulos para a oralidade acontece automaticamente o saber usar, lidar, manipular e pensar a língua escrita a partir da boca. As habilidades cognitivas necessárias para a alfabetização são exploradas e empregadas através das funções executivas empregadas em atividades constantes nesse projeto.

### **MATERIAL E MÉTODOS**

Participaram deste projeto cerca de 30 crianças por ano, entre os anos de 2010 a 2014. Em média foi realizado quatro atendimentos semanais contemplando 20h/a por mês. Os atendimentos eram feitos duas vezes por semana, terças e quintas feiras, das 9h às 11h, com grupos de 6 a 8 crianças entre 8 a 10 anos de idade, todas com atraso na escolaridade regular. Para participar do projeto era necessária uma avaliação escolar baseada no modelo exposto por Jardini (2002) elaborado por Condemarin (1986), que avalia a oralidade, memória e discriminação auditiva, leitura de palavras e pseudopalavras, consciência fonológica, análise e síntese, leitura e interpretação de textos. Baseado na queixa escolar juntamente com o resultado do déficit em várias áreas da avaliação o aluno era encaminhado para o Projeto “Aprendendo com as Boquinhos”, que acontecia no horário inverso do seu período de estudo (contra turno).

Após 6 meses ou mais, algumas crianças eram dispensadas pois, alcançaram a meta estabelecida pelo projeto, que era dominar a leitura e escrita pertencentes à Fase Alfabética do processo de alfabetização. Momento em que a criança passa a dominar o valor sonoro das letras e sílabas, fase esta que possui a compreensão de que a cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores menores que a sílaba. Escreve como se fala e ainda não domina as normas ortográficas da língua portuguesa. Com a vaga em aberto, eram colocadas outras crianças em seus lugares, formando assim novos grupos.

As aulas tinham um cronograma mensal e eram divididas em parte teóricas e práticas, onde a base metodológica foi utilizada sistematicamente de acordo com o livro de Alfabetização das Boquinhos (JARDINI, 2002) seguindo-se um roteiro de apresentações de famílias silábicas e de exercícios propostos que viabilizam o desenvolvimento da Consciência fonovisoarticulatória. As atividades de intervenção foram sempre contextualizadas com histórias infantis e temas geradores que motivavam as crianças a não faltarem nos encontros. Os jogos e brincadeiras sempre foram presentes na parte da prática para desenvolver a consciência fonológica e a estimulação psicomotora. Ao final de cada aula (encontro) era feito uma autoavaliação onde o aluno explicava o que aprendeu aos demais colegas através da oralidade ou de expressões artísticas (dramatização, pinturas, colagens, cantigas) o que tinha



aprendido naquele dia.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os instrumentos utilizados nas aulas eram baseados no Método das boquinhinhas e na experiência profissional da autora desse artigo, que teve a prática pedagógica enriquecida com a aplicação do mesmo. Os dados relatam que os tipos de erros apresentados anteriormente ao Projeto eram comuns em quase todas as crianças avaliadas e que a metodologia utilizada para a alfabetização em sala de aula estava aquém do aluno. Esse não conseguia entender o processo e demonstrava claramente quando era trabalhado processos fonológicos e a rota fonológica da leitura. Entretanto, após a intervenção, que durava

cerca de 3 a 4 meses, já se notava um grande avanço nas áreas fonológicas e na aquisição do valor sonoro de cada fonema trabalhado. A criança utilizava um espelhinho para ver sua “boquinha” e utilizava o cartaz do alfabeto para comparar as letras que estavam conhecendo. Em todas as aulas foram utilizados jogos pedagógicos (CEU) com vistas a identificar as habilidades fonológicas: segmentação oral de sílabas e comparação de tamanho de palavras, identificação de sílabas iniciais e finais, rimas e fonemas no início de palavras e vários outros. A persistência e repetição de atividades que envolviam a Consciência fonológica e fonêmica foram fundamentais para que o projeto descesse certo. Apareceram muitos desafios e desistências, desânimos e frustrações, mas a maioria dos alunos alcançou as expectativas e conseguiu se alfabetizar. A consolidação dos conceitos internalizados pela leitura e pela escrita através desse método foram vistos como um aprendizado sistematizado e engrandecedor para o potencial de cada aluno.

## CONCLUSÕES

Desenvolver a aquisição da linguagem oral e escrita, por meio de processos fundamentais da cognição humana foi a principal intenção do Projeto “Aprendendo com as boquinhinhas”. Entretanto, alfabetizar muitas vezes é confundido com escrita correta e leitura fluente. Esse trabalho foi exatamente conclusivo nesse ponto. Pois, fornecer subsídios e utilizar os passos dessa metodologia como ferramentas de suporte para a alfabetização, demonstrou que a aquisição da leitura e da escrita é aprendida através da construção da língua falada e ouvida, do treinamento dos movimentos produzidos pela boca, promovendo assim a consciência fonoarticulatória.

Em 2014 encerrou-se esse trabalho, por motivos de remanejamento de professores naquela escola, onde pode-se obter uma estimativa aproximada de 139 crianças atendidas pelo projeto. Contudo, 10% não terminaram o programa, 5% mudou de escola e as restantes 75% concluíram com êxito o objetivo proposto. O sucesso desse projeto se deve ao Método das Boquinhinhas que estimula a criança a aprender a ler e a pensar à língua escrita a partir da sua boca. Sendo assim, torna-se possível aos educadores em suas práticas de ensino, conseguir compreender as hipóteses de escrita dos alunos, fornecendo resultados verdadeiramente eficazes.

GRÁFICO DE Nº DE PARTICIPANTES EM CADA ANO

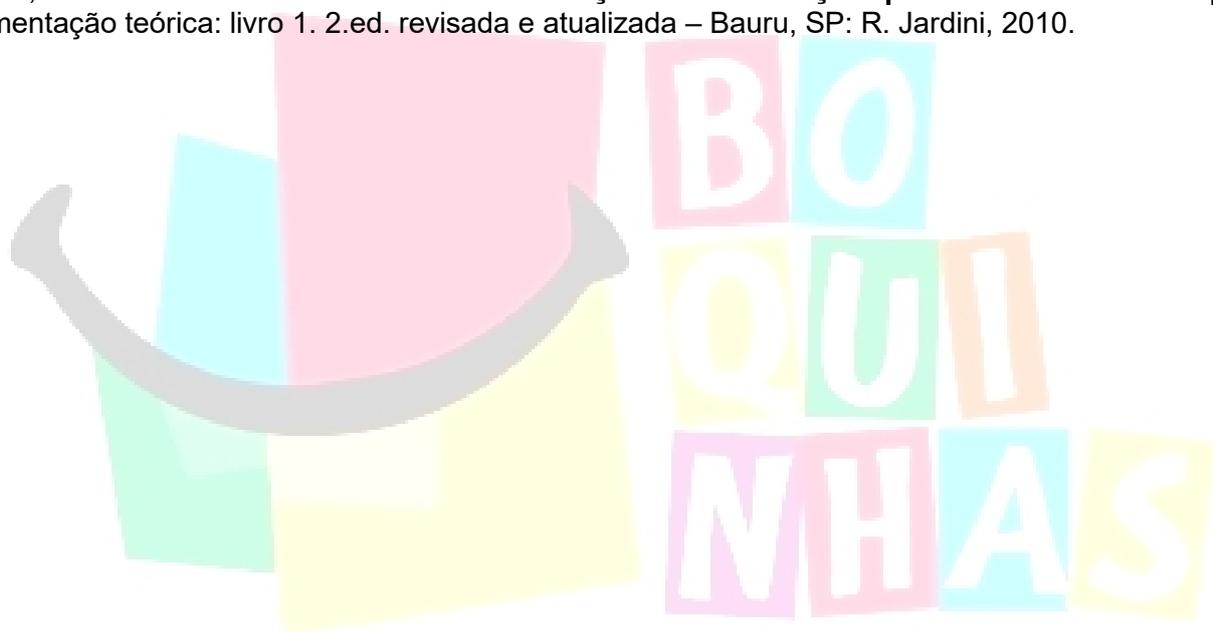


Fonte: SME – Escola Municipal Mercedes Martins Madureira – PML

Esse gráfico demonstra a quantidade de alunos que frequentaram e participaram do Projeto Aprendendo com Boquinhinhas, desde 2010 até 2014. Totalizando 139 crianças, dessas teve algumas desistências e outras que mudaram de escola com resultado final de 124 crianças alfabetizadas pelo Método das Boquinhinhas.

## REFERÊNCIAS

- CAPELLINI, A.S. e SMYTHE, I. **Protocolo de avaliação de habilidades cognitivo-linguísticas**: livro do profissional e do professor. Marília: Fundep; Editora; 2008.
- CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F. C. C. **Alfabetização**: método fônico. São Paulo: Memnon, 2002.
- COLDEMARIN, Mabel. **A leitura**: teoria, avaliação e desenvolvimento. 8 ed. Porto Alegre: Artemd, 2005. 216p
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999
- FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez, 1996.
- JARDINI, R. S. R.; VERGARA, F. A. **Alfabetização de crianças com distúrbios de aprendizagem, por métodos multissensoriais, com ênfase fono-vísuo-articulatória**: Relato de uma Experiência. Pró-Fono Rev. Atual. Cient. Carapicuíba: v. 9, n.1, p. 31-34, 1997.
- JARDINI, Renata Savastano R.; GOMES, Patrícia Thimóteo S. **Alfabetização com as Boquinhas**: livro do professor. 2º edição. São José dos Campos, SP: Pulso Editorial Ltda., 2007.
- JARDINI, Renata Savastano Ribeiro. **Alfabetização e reabilitação pelo método das boquinhas**: fundamentação teórica: livro 1. 2.ed. revisada e atualizada – Bauru, SP: R. Jardini, 2010.



## O SUCESSO DA ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

ELGERSMA, Jeanine C.

[jeanineelgersma@hotmail.com](mailto:jeanineelgersma@hotmail.com)

Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Arapoti, Paraná

### INTRODUÇÃO

A inclusão de crianças na rede comum de ensino, com alguma deficiência ou não, é sempre um grande desafio e a maior preocupação normalmente é a alfabetização. Descreveremos aqui o trabalho realizado numa Escola de Educação Básica na modalidade Educação Especial no município de Arapoti/PR, entre o mês de setembro de 2011 e o mês de outubro de 2013. O aluno já havia sido matriculado numa escola na modalidade educação especial no programa de educação infantil, foi inserido na rede comum, voltou ao ensino especial e após ser alfabetizado pelo Método das Boquinhas, foi reinserido no ensino comum, onde está até hoje.

### OBJETIVO

Mostrar o resultado de uma alfabetização bem sucedida numa escola de educação básica, modalidade educação especial, utilizando-se uma metodologia multissensorial, o Método das Boquinhas.

### DESCRIÇÃO DO CASO

O presente estudo tem o objetivo de relatar a vida acadêmica de um menino, hoje um adolescente de 15 anos. Iniciou sua vida escolar na Escola de Educação Básica – Modalidade Educação Especial (APAE – Arapoti), aos 02 anos de idade por apresentar atraso no desenvolvimento psicomotor. Aos três anos de idade, ainda não construía frases, comunicava-se através de palavras isoladas e quando desejava alguma coisa, apontava para o objeto. O relatório pedagógico daquela época ainda refere que o infante preferia brincar sozinho, não gostando de dividir seus brinquedos; sua atenção e concentração durante as atividades eram reduzidas e em seu comportamento demonstrava ansiedade.

Aos 06 anos de idade, foi submetido a uma avaliação psicológica, sendo que esta avaliação teve como resultado uma deficiência intelectual limítrofe. Foi estimulado globalmente dando-se ênfase quanto aos conteúdos pré-escolares e aos 07 anos foi encaminhado ao ensino comum, por apresentar os pré-requisitos necessários para a alfabetização e não apresentar uma deficiência intelectual que justificava sua permanência na educação especial. Lá permaneceu durante cerca de quatro anos, porém, não obteve a evolução esperada, não sendo alfabetizado, mesmo recebendo apoio na classe especial.

Aos 11 anos de idade foi submetido novamente a uma avaliação psicológica. O parecer deste profissional descreve que a avaliação “evidenciou um funcionamento intelectual significativamente abaixo do esperado para sua idade cronológica, sendo considerado com Deficiência Intelectual”. O relatório ainda descreve “pouca evolução no processo da aprendizagem, falta de limites, imaturidade e fracasso no ensino comum”. Nesta idade frequentava a classe especial e segundo relatório pedagógico, o pré-adolescente reconhecia somente as vogais; apresentava dificuldades na organização temporal, contava somente até 20 e resolvia operações simples com material concreto e auxílio do professor.

Após a avaliação psicológica e avaliação pedagógica realizada pela equipe da escola em que estudava, juntamente com profissionais da secretaria municipal de educação, decidiu-se matriculá-lo novamente no ensino especial, ou seja, na APAE (no final de 2011). Também foi submetido a uma avaliação com médico neurologista que em seu diagnóstico descreveu “epilepsia controlada” e TDAH, sendo que na época receitou medicamento para ambos os diagnósticos.

Logo que reiniciou na escola de educação básica – modalidade educação especial, foi submetido ao PLIN - Protocolo Lince de Investigação Neurolinguística, desenvolvido por Jardini e Ruiz. Este tem como objetivos, entre outros, “conhecer as habilidades neurolinguísticas envolvidas no processo de aquisição da leitura e escrita, de uma forma lúdica e fornecer dados quantitativos e qualitativos sobre o desempenho do avaliado”. Embora o PLIN não nos forneça um diagnóstico, ele nos dá uma visão geral das habilidades e dificuldades que o avaliado apresenta; ele nos permite verificar se o indivíduo apresenta tendências para alguma patologia, como deficiência intelectual, dislexia e transtorno do déficit de atenção e hiperatividade.

Os itens avaliados foram habilidades de consciência fonológica, visuoespacial, leitura e escrita, memória imediata e cognitiva. Na primeira avaliação realizada em setembro de 2011, quando o protocolo ainda estava em fase de estudo, C.D.M. apresentou uma classificação do percentil abaixo para a categoria de assintomáticos, com falhas de maior e menor dificuldade em todas as habilidades



avaliadas. Logo que o trabalho na educação especial foi reiniciado, optou-se em fazer uso do Método das Boquinhas, desenvolvido por Renata Jardini (1997), com o livro *Alfabetização com as Boquinhas*, uma vez que o maior desafio seria a alfabetização deste menino. Esta metodologia foi escolhida por ser multissensorial, por fazer uso de vários *inputs* neurológicos (auditivos, visuais e sinestésicos) e por ter sido desenvolvido com o objetivo de alfabetizar e reabilitar os distúrbios da leitura e escrita. Acreditamos que teríamos resultados, pois as atividades seriam realizadas de uma forma diferenciada e concreta. O trabalho foi realizado diariamente em sala de aula, sendo a professora orientada semanalmente pela fonoaudióloga da instituição.

Após dois anos de trabalho na educação especial, com resultado satisfatório na alfabetização, o adolescente estava praticamente alfabetizado. Foi então novamente avaliado pela psicóloga da APAE. Esta concluiu que C.D.M.V. apresentava uma capacidade cognitiva abaixo da média, porém, “capaz de desenvolver um repertório acadêmico com apoio pedagógico especializado”; sendo assim, foi encaminhado novamente ao Sistema Comum de Ensino, com a sugestão de receber atendimento da Sala de Recurso Multifuncional e Sala de Apoio. Está lá há dois anos, atualmente frequenta o 4º ano. Segundo relatório de rendimento escolar elaborado pela coordenação pedagógica da escola, C.D.M.V. “consegue manter a atenção e concentração para a resolução das atividades propostas, realiza situações problemas e cálculos mentais sem precisar de auxílio, escreve frases e pequenos textos com coerência, lê fluentemente, compreende histórias lidas e ouvidas e realiza interpretações”.

Em julho de 2016, foi novamente aplicado o PLIN - Protocolo Lince de Investigação Neurolinguística – edição de 2015. Embora seja um teste indicado para crianças de 05 até 12 anos, optou-se em novamente aplicá-lo, para que pudéssemos fazer um comparativo dos resultados anteriores à alfabetização e os resultados atuais. O resultado obtido foi significativamente melhor se comparado ao teste aplicado em 2011. Nesta última avaliação, ao contrário da primeira, apresentou uma classificação do percentil alto para a categoria de assintomáticos, com falhas somente na habilidade de memória imediata.

### CONCLUSÃO

Conclui-se com este relato que, quando se realiza uma avaliação bem elaborada e principalmente uma intervenção com um método adequado, consegue-se traçar objetivos claros, obtendo-se resultados com sucesso, inclusive na educação especial.

Neste caso específico, o Método das Boquinhas foi primordial, pois comprovou o que sua autora cita em uma de suas apresentações, “Boquinhas foi idealizada para um trabalho na inclusão”, obtendo-se excelentes resultados com rapidez e segurança.

### BIBLIOGRAFIA

- JARDINI, Renata Savastano R. *Alfabetização e Reabilitação pelo Método das Boquinhas*. 2. ed. Bauru, SP: Boquinhas Aprendizagem e Assessoria Ltda.-ME, 2010.
- JARDINI, Renata Savastano R.; GUIMARÃES, Viviani Amanajás. *Novo alfabetização com as Boquinhas: livro do educador*. 1.ed. Bauru, SP: Boquinhas Aprendizagem e Assessoria Ltda.-ME, 2015.
- JARDINI, Renata Savastano R.; RUIZ, Lydia Savastano Ribeiro. *Plin – Protocolo Lince de Investigação Neurolinguística*. 1.ed. 2.reimpressão. Bauru, SP: Boquinhas Aprendizagem e Assessoria Ltda.-ME, 2015.

## **O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO DE FORMA COMPLEMENTAR NA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAL**

FARIAS, Maira Cristina  
maira.1967@hotmail.com

Atendimento Educacional Especializado - Município de Pinhais/PR

O processo do Método Inclusivo inicia-se embasado no método Teacch, com a organização da SRMF. Os materiais e atividades são pré-estabelecidos para atingir um objetivo específico, levando em consideração a especificidade do educando.

O método baseia-se na adaptação do ambiente para facilitar a compreensão da relação a seu local de trabalho e ao que se espera dele. Por meio da organização do ambiente e das tarefas de cada aluno, visando o desenvolvimento da autonomia do aluno. (KEINERT, 2012)

Para entrar na SRMF o educando precisa executar um comando de leitura e comportamento que está na porta da SRMF, muito importante para o desenvolvimento da comunicação, interação social e consciência fonológica. Para que esse comando se torne funcional, o educando recebe o auxílio do acompanhante que o trás na SRMF dando-lhe o modelo de como agir.

Esse comando é escrito na ferramenta simbolar do software Boardmaker que é um software de autoria. A frase (BATER NA PORTA E ESPERAR. OLÁ PROFESSORA) contem escritas às palavras (grafema), juntamente com a figura (visual) e também o desenho da articulação de letras.

Nesse processo o educando realiza a leitura entendendo o significado (semântica) de cada palavra e também faz o treino fonovisuarticulatório, aprende a realizar a imitação do movimento labial fazendo a relação do som que sai da sua boca. Mesmo para o educando que ainda não verbaliza, consegue entender a pista de comunicação do que se espera e procura realizar na SRMF como também em outros ambientes o mesmo gesto. (CANCINO, 2015).

Ao entrar o educando segue para a mesa de apresentação da rotina, nessa mesa o primeiro comando é para SENTAR, logo em seguida são apresentadas as ações que irá acontecer no momento do atendimento. Com isso o educando fica menos ansioso, diminuindo os comportamentos inadequados. Para a apresentação do material, utilizam-se figuras, palavras e a associação da articulação da boca referente à primeira letra da palavra, embasados no Método das Boquinhas. (JARDINI, 2012).

Para o desenvolvimento da fala os aspectos de audição são essências, mas para escutar os sons das pessoas e os nossos próprios sons precisamos de atenção e intencionalidade. Quando a criança entende que o movimento da boca e a expressão facial tem uma relação direta com o falar, começa a desenvolver uma intencionalidade para o desenvolvimento da linguagem. (CANCINO, 2015, P. 24).

Ao entrar a criança inicia atividade completando o quadro do calendário, preenchendo na sua pasta o dia, mês, ano e como está o tempo. O quadro do calendário é construído com números, símbolos, figuras e a articulação da boquinha, onde a professora do AEE faz a mediação dando ênfase ao som da primeira letra da palavra. O material é produzido com figuras coloridas (*Boardmaker*), plastificadas e manuseadas com o velcro. Esse treino ajuda na realização dos conteúdos em sala de aula. (SARTORETO, 2010).

Ao olhar o desenho da articulação da boca das letras que formam a palavra juntamente com a mediação para a leitura da palavra com a figura, a criança percebe que determinado som, corresponde a um movimento articulatório. Segundo Cancino (2015) com essa ação é possível ler a palavra entendendo o significado, pois o nível semântico depende do recurso visual e da experiência social.

Após completar a contagem do tempo, o educando inicia a primeira atividade das mesas coloridas que formam um circuito de sete atividades. Cada mesa com um cartão da mesma cor para serem retirados assim que realizar a atividade.

Ao terminar a atividade o educando retira o cartão e leva até o quadro de cores. Quando preencher o quadro com as sete cores, ganha a pasta PECS com figuras para a escolha e os pedidos.

Os cartões são confeccionados com palavras e figuras de reforçadores positivos para que construa uma frase Ex: EU QUERO *TABLET*.

Todos os alunos estão sendo treinados com o PECS, de modo que sabem exatamente como comunicar suas escolhas. Para alguns o pedido é feito de forma verbal, utilizando a pasta para organização de palavras e desenvolvimento de linguagem pragmática. Segundo Cancino (2015) são habilidades e capacidades que nos permitem comunicar intenções, sentimentos, nos adaptar a nosso meio social, ser simpáticos, nos expressar com clareza para quem nos escuta.

Outros comunicam seus desejos organizando de duas a três figuras na faixa de sentença para em seguida darem a mediadora do AEE. Ao receber o cartão de sentença de pedido a mediadora imediatamente dá a recompensa e fala o nome da palavra dando ênfase ao som e a articulação



da primeira letra.

Infelizmente por falta de informação, muitas escolas e mesmo dentro do núcleo familiar as pessoas insistem em utilizar apenas a linguagem de forma verbal, aliás, primeiro é preciso entender a diferença entre linguagem e a comunicação, como no diz Cancino.

De modo simples podemos considerar a comunicação como o conjunto de ações que partilham ao menos dois sujeitos e que as realizam com fim de conseguir a atenção do outro, pedir objetos, compartilhar objetos, interesses ou informação e trocar afetividades (2015, p 24).

Portanto, a comunicação é a procura de um efeito social que se faz muitas vezes com a troca de figuras contendo palavras e desenhos. As informações visuais são imprescindíveis, pois pesquisas recentes mostram que muitos autistas são pensadores visuais. Segundo Grandin (2010), o autismo é caracterizado como desordem neurológica que revela claras anormalidades cerebrais.

E agora quero falar com vocês sobre as diferentes formas de pensar. Vocês têm que se afastar da linguagem verbal. Eu penso em imagens. Eu não penso em linguagem. Então, o que acontece numa mente **autista** é que se foca nos detalhes. Ok, este é um teste no quais vocês têm de descobrir as letras grandes, ou descobrir as letras pequenas. E o pensamento **autista** descobre as letras pequenas mais rapidamente. (GRANDIN, 2010, p.137).

As mesas coloridas são organizadas previamente com atividades para desenvolver habilidades de comunicação, coordenação motora, consciência fonológica, raciocínio lógico, discriminação visual, discriminação auditiva, esquema corporal, desenvolvimento da capacidade de coerência central e estímulos sensoriais.

Os circuitos de atividades ajudam os alunos desenvolverem a capacidade de organização dentro do espaço físico, ter noção de tempo por meio de atividades sequenciais, desenvolvimento de habilidades e pré-requisitos para a alfabetização, noção de regras e deveres na escola, diminuição da ansiedade e melhora na socialização dentro da SRMF e também da sala de aula. Todas as atividades são produzidas, adaptadas e mediadas respeitando as necessidades e especificidades de cada aluno.

O material pedagógico produzido tem o objetivo de atender as características, motora, cognitiva e comunicativa no ambiente escolar, deve seguir a proposta curricular para a série sendo funcional na aprendizagem. Os profissionais devem ser capacitados a fazer o uso juntamente com o educando para que haja interação social, e a participação ativa dentro da escola. (SARTORETO, 2010).

## CONCLUSÕES

Esse trabalho teve como objetivo principal relatar a experiência pedagógica do Atendimento Educacional Especializado para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), enquanto atendimento complementar aos educandos matriculados na rede municipal de ensino do município de Pinhais - PR no ano de 2015/2016 com *déficit* de comunicação, dislexia e interação social. As ações de intervenção pedagógica foram embasadas no Método Inclusivo, que é a junção de três abordagens: A Comunicação Alternativa e Aumentativa; do Método Fonovisuoarticulatório, de Renata Jardini, conhecido como Método das Boquinhas; e a Experiência de Aprendizagem Mediada da teoria de Reuven Fouerstein. A intervenção realizada visa a modificabilidade estrutural do indivíduo.

Os resultados estão sendo observados tanto na SRMF quanto na sala de aula de ensino comum com adiminuição da ansiedade e organização das ações para realização de atividades, autonomia, comunicação e interação social. Os alunos demonstraram entender as regras e procuram sempre as pistas comunicativas no ambiente para se orientar.

Com relação às crianças com hiperlexia, estão realizando leitura com significados, expressados em frases e o aumento no vocabulário. Para o aluno com dislexia a irritabilidade diante da dificuldade de leitura e escrita foi substituída pela ação de pensar no som das letras antes de ler e escrever.

Demonstram iniciativa para propor uma brincadeira como a do pega-pega e estão cumprindo as regras sociais na escola como ficar na fila, horário para recreio, hora de sair para brincar, pedir para ir ao banheiro, bater na porta antes de entrar na sala, esperar e comunicar uma necessidade.

O vínculo estabelecido com os recursos de apoio foi essencial para que a Comunicação Alternativa - CAA, por meio do PECS, e o Método das Boquinhas pudessem fazer parte da realidade escolar tantodos alunos com TEA e quanto para neurotípicos.

Por meio de pranchas de comunicação, rotinas organizadas, sinalizadores em ambientes, *banner* das Boquinhas e o trabalho do circuito na SRMF, os alunos puderam entender a organização das atividades bem como opinar sobre sua participação.

## REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 27ª Edição, São Paulo, 2003.
- MEIER, Marcos; GARCIA, Sandra. **Mediação da aprendizagem: contribuições de Feuerstein e Vygotsky**. 7ª Edição. Curitiba, 2011.
- NUNES, Leila Regina de Paula. **Favorecendo o desenvolvimento da comunicação em crianças e jovens com necessidades educacionais especiais**. Rio de Janeiro, 2004.
- GRANDIN, Temple. **Uma menina estranha: autobiografia de uma autista**. Cia das Letras. 3ª reimpressão. São Paulo, 2010.
- FROST, Lori. PECS, **Sistema de comunicação por troca de figuras**. 2ª Edição. Brasil, 2002.
- KEINERT, Maria Helena Jansen de Melo. **Espectro Autista: O que? O que fazer?** Curitiba: Íthala, 2012.
- BAPTISTA, Claudio Roberto; BOSA, Cleonice. **Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção**. Artmed Editora S.A, 2012.
- BUDEL, Gislaine Coimbra; MEIER Marcos. **Mediação da aprendizagem na educação especial**. Curitiba, 2012.
- SANTOS, Idê Borges dos Santos. **Saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem no autismo**. Brasília: MEC, SEESP, 2004.
- REGANHAN, W. G. **Recursos e estratégias para o ensino de alunos com deficiência: percepção de professores**. Marília: Unesp, 2006. (Dissertação de Mestrado).
- JARDINI, Renata. *Alfabetização e reabilitação pelo Método das Boquinhas: fundamentação teórica*. 2010 internet método das boquinhas.
- LEON, V. de & LEWIS, S. M. dos S. Programa TEACCH. In SCHARTZMAN, José Salomão et. al. **Autismo Infantil**. São Paulo, Mennon, 1995.
- SARTORETO, Mara Lúcia. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: recursos pedagógicos acessíveis e comunicação aumentativa e alternativa**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. 2010.
- ROPOLI, Edilene Aparecida. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar**. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. 2010.

## AUTISMO: CARACTERÍSTICAS x BOQUINHAS

GUIMARÃES, Viviani  
[viviani@metododasboquinhas.com.br](mailto:viviani@metododasboquinhas.com.br)  
Brasília, DF

O presente trabalho é um Relato de Experiência que mostrará as características do Autismo e por que Boquinhas é um bom método para a alfabetização de crianças com autismo.

### INTRODUÇÃO

Acredita-se que a inteligência está associada à capacidade de aprender relações e os métodos de avaliar as habilidades cognitivas são variados (Seabra, 2014). Então surge a pergunta: todos aprendem da mesma forma? Crianças neurotípicas e crianças com alguma síndrome ou transtorno aprendem da mesma forma? É claro que não. Então, se elas aprendem de forma diferente, Boquinhas tem que ser ensinado de forma diferente, precisamos adaptar a forma de ensinar Boquinhas?

Boquinhas é uma metodologia fonovisuoarticulatória, portanto, ela usa o som, a visão e a articulação da boca para que as crianças façam a associação do fonema x grafema x articulema. Como então trabalhar Boquinhas com as crianças com Transtorno do Espectro Autista – TEA?

### RELATO DE EXPERIÊNCIA

A cada ano, o número de crianças nascidas com o Transtorno do Espectro do Autismo é maior. O Autismo, como é mais comumente conhecido, é um transtorno do desenvolvimento que afeta, segundo o DSM - 5, principalmente, as áreas do comportamento, da comunicação e da interação social. Apesar do número crescente de autistas, verifica-se que a maioria das pessoas pouco sabem sobre esse transtorno que afeta 1 a cada 51 crianças nascidas. E esse desconhecimento acarreta muitos prejuízos tanto aos autistas quanto a seus familiares.

Por ser multissensorial, Boquinhas é indicada para o trabalho com autistas pois esse método faz com que várias áreas do cérebro sejam ativadas, o que facilita e propicia maior aprendizagem de crianças e adultos que têm esse transtorno.

Esta apresentação tem a pretensão de informar e sensibilizar pais, profissionais e professores sobre o TEA para que se proporcione uma vida com mais autonomia e respeito a todos os autistas.

Também será apresentado o Livro Especial Mente Azul que mostra as principais características dos autistas.

### RESULTADO

O autista tem um cérebro diferenciado: ele tem um cérebro superestimulado e que apresenta distintas formas de aprendizagem e diferentes sintomas comportamentais.

De acordo com o DSM – 5, o autismo pode ser classificado entre leve, moderado e grave em que se leva em consideração os sintomas, a capacidade intelectual e o quanto esse indivíduo precisará de auxílio para realizar diversas atividades. Vale ainda lembrar que o autismo ocorre mais em meninos que em meninas.

Os autistas têm dificuldades em fazer associações, em teoria da mente e na aprendizagem implícita. Mas quando se usa Boquinhas, o aprendizado é concreto e ao trabalhar a visão, mostrando o movimento da boca, o autista se interessa, pois a aprendizagem é mais explícita.

E como é um método de fácil aplicação, as boquinhas podem ser usadas por terapeutas, professores e pais. E quanto mais vezes a criança vê, mais a sua memória é usada e essa é uma área em que a maioria dos autistas tem grande evolução.

Cada boquinha tem um movimento distinto e essa a diferença também foi levada em consideração ao se escolher a sequência das consoantes que seria ensinada. E finalmente, como Boquinhas trabalha a articulação correta de cada fonema, a fala do autista também é estimulada.

### CONCLUSÃO

Quando se trata educação inclusiva, da aprendizagem de crianças com TEA, a palavra-chave é DEPENDE. Por exemplo: sabe-se que, em sua maioria, os autistas são mais visuais que auditivos, mas pode ser que não. Então tenho que usar sempre mais a visão que a audição? Depende.

Sabe-se que a maioria gosta de rotina. Então não devemos mudar? Depende. Alguns não querem fazer sempre a mesma coisa.

Os autistas podem apresentar deficiência intelectual, então devemos sempre partir do



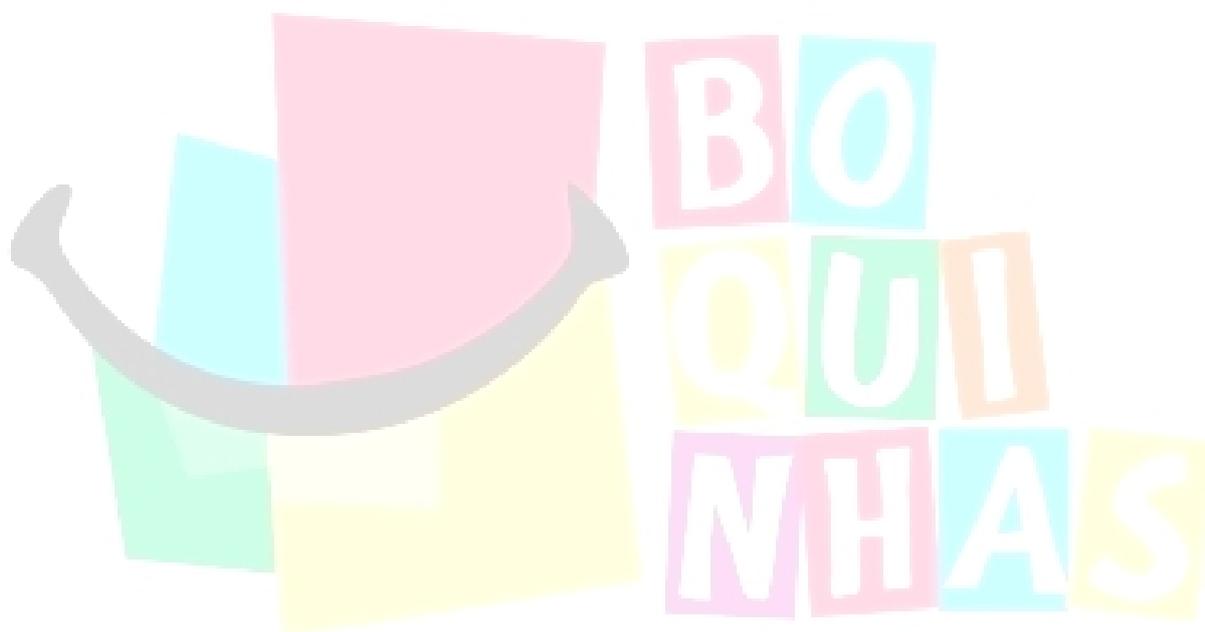
mais fácil? Depende. Muitos deles, apesar da deficiência, têm áreas de alto funcionamento em que podem ser mais exigidos.

Como Boquinhas é multissensorial, ela é a ideal para o ensino com pessoas com autismo, pois ela pode aproveitar o que essa criança tem de mais facilidade e a sua aprendizagem será mais efetiva.

## BIBLIOGRAFIA

DIAS, Natália Martins et al. CONTRIBUIÇÕES DA NEUROPSICOLOGIA E DA PSICOLOGIA PARA INTERVENÇÃO NO CONTEXTO EDUCACIONAL. Memnon Edições Científicas, 2015, 1ª Edição, São Paulo.

SEABRA, Alessandra Gotuzo et al. INTELIGÊNCIA E FUNÇÕES EXECUTIVAS: AVANÇOS E DESAFIOS PARA AVALIAÇÃO NEURIPSICOLÓGICA. Memnon Edições Científicas, 2014, 1ª Edição, São Paulo.



## APRENDENDO COM BOQUINHAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MAIA, Eliane<sup>9</sup>

[eliane.itac@gmail.com](mailto:eliane.itac@gmail.com)

MAIA, Marcia<sup>10</sup>

[marciamb.itac@hotmail.com](mailto:marciamb.itac@hotmail.com)

Escola Municipal Paulo Scofano – Município de Mangaratiba/RJ

### INTRODUÇÃO

A alfabetização é um dos maiores entraves em nosso País, e na realidade do Município de Mangaratiba, não é diferente. Apesar dos programas de formação oferecidos pelo MEC e a Secretaria de Educação, o trabalho ainda apresenta lacunas. Diante deste contexto, houve a necessidade de realmente entender o processo de aprendizagem e consolidar a aprendizagem dos alunos e dos profissionais envolvidos. Deste modo, iniciamos um estudo sobre os Países nos quais os problemas com alfabetização foram minimizados e descobrimos que todos utilizavam o Método Fônico.

Avaliando os alunos da turma do nível 4 educação infantil (crianças de cinco anos) percebeu-se que 60% deles já apresentavam baixa estima, indisciplina, agressividade por não darem conta das atividades. Diante deste fato, o trabalho foi reavaliado imediatamente, sendo dada continuidade às pesquisas por um método eficaz de alfabetização.

Tendo claro que a fundamentação teórica é o alicerce para uma educação de qualidade, a equipe Pedagógica responsável pela formação continuada dos educadores buscou por autoformação com o objetivo que junto aos professores houvesse uma maior consciência da importância de um trabalho de compromisso com a Educação Infantil e que, conseqüentemente, resultassem em uma mudança na prática pedagógica.

Após interesse pelo Método das Boquinhas, buscou-se capacitação da equipe até culminar na qualificação como Multiplicadoras do Método.

Iniciou-se o projeto de implantação da metodologia Boquinhas na íntegra com 12 alunos de 5 anos na última etapa da Educação Infantil chamada de nível 4 da Escola Municipal Paulo Scofano no município de Mangaratiba estado do Rio de Janeiro. Onde o resultado foi impactante.

Um dos questionamentos que mais se escuta quando se trata de alfabetização é de qual a idade ideal para se iniciar o processo de alfabetização. Acreditamos que a pergunta principal não se restrinja à idade propriamente dita, mas ao conteúdo a ser trabalhado.

Antes de submeter à criança ao conhecimento das letras é fundamental que sejam trabalhadas habilidades pré-requisitos para a alfabetização. Estes pré-requisitos devem ser apresentados às crianças na Educação Infantil, a partir de três ou quatro anos de idade favorecendo a aquisição da leitura e escrita, com o trabalho em estágios iniciais desse desenvolvimento, partindo de indivíduos com hipóteses de escritas pictóricas ou iconográficas (garatujas), oferecendo-lhes subsídios consistentes e diversificados com enfoque multissensorial (JARDINI, 1997).

### OBJETIVO GERAL

Propiciar aos alunos da Educação Infantil um ensino de qualidade e a possibilidade de se alfabetizar na idade certa.

### OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Promover subsídios eficientes para que o processo de leitura e escrita se desenvolva a contento na continuidade dos anos iniciais do ensino fundamental;

Analisar a evolução de leitura/escrita de crianças que cursam o último ano da Educação Infantil submetidas a um trabalho multissensorial com enfoque nas habilidades pré-requisitos para alfabetização;

Proporcionar desenvolvimento e aperfeiçoamento dos profissionais.

### DESENVOLVIMENTO

O projeto foi uma iniciativa da equipe pedagógica da E. M. Paulo Scofano, localizada na Praia da Gamboa, Ilha de Itacuruçá em Mangaratiba. A Escola hoje tem 171 alunos e atende a Educação Infantil e Ensino Fundamental. A comunidade é carente, muitos aprendentes tem a escola como base de sua alimentação e educação. O projeto foi realizado com recursos próprios como: rifas, cantina e também

<sup>9</sup> Pedagoga, especialista em Educação Infantil, Psicopedagoga, professora do município de Mangaratiba e Multiplicadora do Método das Boquinhas;

<sup>10</sup> Pedagoga, especialista em Educação Infantil, Psicopedagoga, professora do município de Mangaratiba e Multiplicadora do Método das Boquinhas;



PDDE, para adquirir materiais como livros para todos os alunos, jogos, banner e todos os demais materiais de Boquinhas.

O projeto foi iniciado em fevereiro de 2012 e concluído em dezembro de 2012, com a turma de educação infantil, nível quatro, composta por crianças de cinco anos, totalizando doze aprendentes com uma professora.

Todos os professores da Educação Infantil e primeiro segmento (anos iniciais) receberam formação com a direção e coordenadora pedagógica bimestralmente mais acompanhamento semanal com a coordenadora pedagógica, além de participarem de dois cursos com a autora Jardini com a carga horária de dezesseis horas cada.

A professora que aplicou a metodologia apresentou um compromisso muito grande com o trabalho e em muito pouco tempo foi possível observar seu crescimento profissional, além de se apresentar mais autônoma, com a autoestima elevada, uma linguagem pedagógica coerente e assertiva, se tornando ainda uma profissional estudiosa.

Foram realizadas reuniões com os pais, no início das aulas, a fim de esclarecer a nova metodologia adotada e as variantes do processo, como a presença de fonemas e articulemas. Foi esclarecido que o objetivo principal desse trabalho era a viabilização da leitura e escrita como um processo a ser adquirido no decorrer de todo o ano, não sendo uma meta a ser atingida, e sim, uma consequência do trabalho focado nos pré-requisitos na alfabetização.

Conforme orientação encontrada no livro do professor, a metodologia foi trabalhada uma hora por dia, devendo, no entanto ser abordado o seu conceito nas outras disciplinas dadas, em todas as ocasiões que fossem pertinentes, como ciências, matemática, português, etc. O plano das aulas seguiu a sequência dos exercícios oferecidos no livro e continuou-se a seguir o currículo da Secretaria Municipal da Educação.

O processo de avaliação manteve os critérios anteriormente adotados pela escola, ou seja, investigação da ontogênese da escrita sob sondagem da escrita de palavras de determinado conteúdo semântico, a critério do professor. Foram classificados segundo Ferreiro em pré-silábica, silábica sem valor sonoro, silábica com valor sonoro, silábica alfabética e alfabética.

Ao total foram realizadas três sondagens de escrita das crianças, sendo a inicial e a final feita com a coordenadora e as demais com a professora.

A coordenadora estabeleceu metas como apresentação das vogais em duas semanas, onde seriam apresentadas fotos das BOQUINHAS enquanto se pronunciava (articulema/lalema), fazendo reconhecimento e conscientização frente ao espelho e o uso dos banners de boquinhas que fica exposto na sala de aula. Sempre na tríade fonema/grafema/articulema.

Utilizou-se a letra de forma maiúscula, associando-as com os articulemas correspondentes. Essa associação foi mantida durante o tempo necessário, para que a criança fizesse a correlação entre algo abstrato (som/fonema) com algo concreto (uma boca) o que propicia a real compreensão de como se dá a relação fonema/grafema não apenas a memorização.

Devido à progressão e velocidade de aquisição do grupo, os objetivos com as vogais foram atingidos em duas semanas. Então a professora iniciou o reconhecimento auditivo articulatória do uso das vogais dentro das palavras e a memorização da forma espacial, traçado na mesa, no chão, no ar, no caderno, no computador, em letras em alto relevo, etc. Ao compreenderem o uso das vogais dentro das palavras, elas adquiriram a etapa silábica com valor sonoro de leitura e escrita. Segundo Ferreiro, esta etapa configura a compreensão da consciência fonêmica.

A partir das vogais assimiladas, apresentou-se as consoante L e P em duas semanas cada; consoantes V, T e M em uma semana cada, repetindo-se a associação fonema/grafema/articulema da letra escolhida com treino multissensorial, fixação das famílias silábicas por compreensão do processo e não por decoreba. Vale ressaltar a importância do processo concreto onde o aluno deve compreender que cada sílaba pode corresponder a mais de uma letra, como no caso da sílaba LA, a qual é formada por duas letras. Com este objetivo alcançado passou-se então ao modelo de escrita silábico alfabético.

A partir de quatro famílias silábicas dominadas foi feita a associação entre elas, para a fluência leitora e logo foi formalizado o modelo de escrita alfabética. Com o uso do Método das Boquinhas este processo aconteceu em quatro meses. As demais letras foram apresentadas progressivamente e, muitas delas já tinham sido aprendidas pelo grupo, sem que necessitassem ser trabalhadas formalmente.

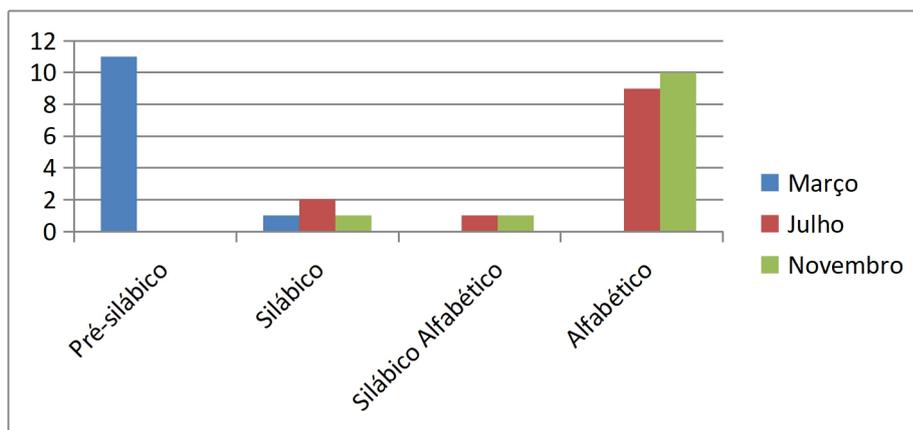
Os exercícios do livro contemplam as habilidades de: consciência e habilidade corporal, consciência fonológica, fonêmica e fonoarticulatória; desenvolvimento cognitivo, processamento visuo-motor, auditivo; habilidade espaço temporal. Muitos exercícios são executáveis em sala de aula e carteira, ou seja, realizados em um papel ou no próprio livro. Outros são vivenciais, e estão apenas descritos,

sendo realizados oralmente em espaços variados da escola. Foram realizadas diferentes formas de aplicação como: individualmente, em duplas, em pequenos grupos e com toda a turma.

No total foram realizadas três sondagens de escrita das crianças, sendo a inicial e a final feitas com a coordenadora e as demais com a professora. Foi montado um portfólio detalhado



para cada aluno.  
A evolução foi muito significativa, conforme demonstrada em gráfico a seguir.



Pode-se ainda destacar como resultados:

- Maior segurança do professor diante da facilidade dos alunos na prática do método;
- Favorecimento da correção de falhas na articulação de algumas crianças;
- As crianças que apresentavam timidez e algumas trocas de letras na fala, expuseram-se mais, eliminado o problema ou minimizando significativamente;
- Os pais mostraram-se muito interessados e colaboradores, querendo aprender o trabalho para acompanhar seus filhos em casa e surpreenderam-se com a velocidade nas aquisições;
- As crianças passaram a gostar mais de vir para escola, pedindo para não faltar e apresentam muita autonomia, confiança e auto-estima elevada;
- Melhorou o número de ruído descontextualizado da sala. Elas ficaram quietas para se ouvirem falando Boquinhas;
- A professora sentiu-se motivada, desafiada e segura de obter sucesso.

## CONCLUSÃO

A educação brasileira com a alteração para o ensino fundamental de nove anos abriu margem para a consolidação da grade curricular, de maneira a solidificar e aprofundar as aprendizagens e a educação continuada (UNESCO, 1999). Aprendeu-se ao longo deste trabalho com o Método das Boquinhas que esse avanço somente se consolidará quando a Educação Infantil oferecer aos alunos as verdadeiras bases que o desenvolvimento infantil necessita, para que se viabilizem os conteúdos alfabetizantes e construtivistas que se seguirão, podendo, finalmente, letramento e alfabetização serem solidários (SOARES, 1998; TFOUNI, 1995).

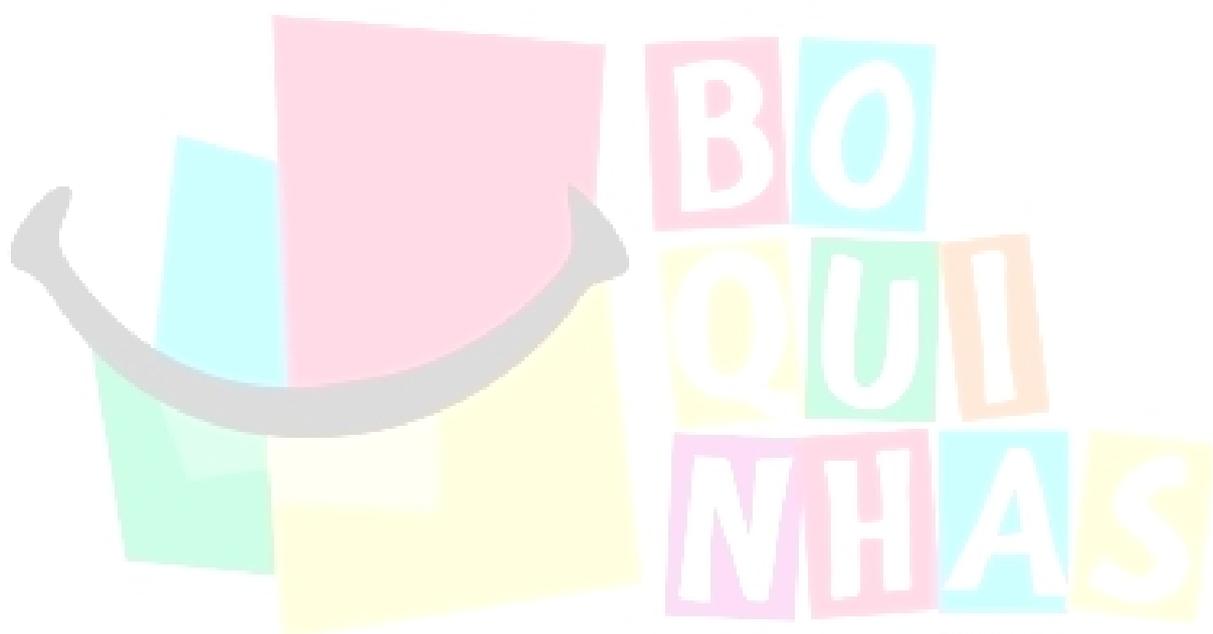
O Método proporcionou a toda a equipe acreditar na parceria entre a Fonoaudiologia e a Pedagogia que traz ganhos aos estudantes e à educação em geral com resultados rápidos e consistentes, enquanto complementação de saberes, necessários ao ensino/aprendizagem de áreas que envolvem tanto linguagem como educação, como é o caso da alfabetização (MOOJEN, 2009).

Podemos afirmar que o crescimento e amadurecimento da equipe da EM Paulo Scofano, junto à aplicação do Método das Boquinhas, foi muito grande. O que possibilitou não somente entender a teoria e dominar a prática do processo de alfabetização, como também desenvolver a autonomia, elevar a auto-estima e aumentar a motivação para estudar cada vez mais!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- JARDINI, R. S. R.; SOUZA, P. T. Boquinhas na Educação Infantil: Professor. Bauru: Jardim, 2007. 2ª Ed., 2009.
- JARDINI, R. S. R.; SOUZA, P. T. Boquinhas na Educação Infantil: Aluno. Bauru: Jardim, 2007. 2ª Ed., 2009.
- JARDINI, R. S. R. Método das boquinhas: passo a passo da intervenção nas dificuldades e distúrbios da leitura e escrita. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, 2ª Ed. São José dos Campos: Pulso Editorial, 2009.
- JARDINI, R. S. R.; SOUZA, P. T. Alfabetização com Boquinhas: Manual do educador. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. 2ª Ed. São José dos Campos: Pulso Editorial, 2008. 3ª Ed. Bauru: Boquinhas, 2011.

JARDINI, R. S. R.; SOUZA, P. T. Alfabetização com Boquinhas: Aluno. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. 2ª Ed. São José dos Campos: Pulso Editorial, 2008. 3ª Ed. Bauru: Boquinhas, 2011.



## BOQUINHAS E AUTISMO - TRABALHO DE RESULTADO

NAVARRETE, Roberta<sup>11</sup>

[robertanavarreteribeiro@gmail.com](mailto:robertanavarreteribeiro@gmail.com)

Espaço Interdisciplinar Fazendo a Diferença

Segundo Schwartzman, (Schwartzman e Araújo 2011), O Autismo (TEA - Transtorno do Espectro do Autismo) é considerado, atualmente, um transtorno do desenvolvimento de causas neurobiológicas definido de acordo com critérios eminentemente clínicos. As características básicas são: anormalidades qualitativas e quantitativas que, embora muito abrangentes, afetam de forma mais evidente as áreas da interação social, da comunicação e do comportamento.

Saulnier, Quirnbach e Klin (Schwartzman e Araújo 2011) reforçam que a investigação de um indivíduo com TEA envolve o levantamento de dados do desenvolvimento precoce da criança e das informações relativas ao comportamento atual da criança. É essencial para o diagnóstico a história contada pelos pais e/ou cuidadores da criança e a observação direta do comportamento atual em contextos estruturados e não estruturados. Nesses dois componentes diagnósticos, são imprescindíveis as informações sobre linguagem, comunicação, interação social, bem como as manifestações comportamentais, incluindo interesse restrito, repetitivo, sensorial ou perseverativo, padrões atípicos de comportamento e desregulação comportamental.

Perissinoto (Schwartzman e Araújo 2011) salienta que os estudos do TEA apontam para a variedade de alterações comportamentais em que a linguagem está profundamente relacionada às dinâmicas sociais e aos procedimentos repetitivos e reflete alterações cognitivas. O problema essencial do autismo está em uma maneira peculiar de processamento de informações, em que a parte se sobrepõe ao todo. Desta forma, seria inapto para fazer inferências que dependam da análise do contexto e para identificar as relações de causa e efeito entre ações. Teria, então, uma fragilidade da Coerência Central. A fragilidade na coerência central é um estilo cognitivo específico dos quadros de TEA e não está diretamente associada a um déficit de cognição.

Os critérios para o diagnóstico do TEA foram revisados no DSM 5 (2013), usando um modelo didático de dois critérios: déficits persistentes na comunicação social e interação social; padrões restritos, repetitivos e estereotipados de comportamento, interesses e atividades.

Grandin e Panak (2015) afirmam que se pudermos reconhecer, de modo realista e caso a caso, os pontos fortes de um indivíduo, podemos determinar melhor seu futuro. Ao longo dos anos observamos que pessoas com autismo prestam mais atenção nos detalhes que as neurotípicas.

Dourado (2012) salienta que a neurociência tem lançado novas luzes na compreensão do cérebro do e da mente. Nas últimas décadas, vários estudos têm comprovado anormalidades neurobiológicas em pacientes com autismo, estando várias concentradas nas estruturas e no funcionamento do cérebro.

Bruni (Mercadante, 2009) enfatiza que como em outros processos terapêuticos, o processo de alfabetização não ocorre de forma convencional, ou seja, não se trata de adaptar a criança ao mundo, mas adaptar a compreensão de mundo da criança ao que ela pode desempenhar nele. Para alfabetizá-la, a experiência tem mostrado que a escrita e a leitura devem ganhar sentido no universo próprio de cada criança e, principalmente, desempenhar uma função dentro do âmbito de seus interesses, ainda que seja um único interesse restrito.

Corroborando com Jardini e Souza (2006) quando citam que a intervenção descrita pelo Método das Boquinhas não é apenas uma técnica mecanicista que afasta da criança a possibilidade de compreender e refletir a escrita enquanto linguagem e seus significados, nem tampouco descreve uma ação homogeneizadora e fragmentada da linguagem, ao contrário, capacita a criança a enfrentar desafios linguísticos em igualdade para com os demais alunos, uma vez que, tendo efetivamente aprendido a ler, pode fazer uso da leitura e escrita, com segurança e eficácia, de maneira reflexiva e contextualizada.

O Método das Boquinhas, segundo Jardini e Souza (2006) foi criado a partir de bases multissensoriais Fono-Víscuo-Articulatórias, pois as mesmas foram tomadas como ênfase para a criação e desenvolvimento do Método, podendo então, propiciar um melhor e mais rápido rendimento escolar, na medida em que a criança é submetida simultaneamente a vários *inputs* neurosensoriais, favorecendo, dessa forma, que maiores áreas cerebrais recebam estímulos. Foi escolhido então a fala, e seus sons (fonemas), como ponto de partida para a aquisição das letras (grafemas), como é feito no processo fônico, trabalhando diretamente nas habilidades de análise fonológicas e consciência fonológica, mas foi acrescentada a ela, a consciência fonoarticulatória, ou seja, os pontos de articulação de cada letra ao ser

<sup>11</sup> Fonoaudiologia e Pedagogia. Especialista em Motricidade Orofacial. Fonoaudióloga clínica e educacional e multiplicadora do Método das Boquinhas.



pronunciada isoladamente (articulemas, ou "boquinhas"), baseados nos princípios da Fonologia Articulatória (FAR), que preconiza a unidade fonético-fonológica, por excelência, o gesto articulatório.

Nota-se que a metodologia proposta pelo método das boquinhas vem de encontro à necessidade das pessoas com TEA, pois parte dos detalhes (fonemas) para chegar ao todo (palavras) e por ser um método multissensorial estimula várias áreas do cérebro (auditiva, visual, tátil). Sempre lembrando que quando se trabalha com uma criança dentro do TEA, há que se considerar isoladamente, cérebro por cérebro, indivíduo por indivíduo.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

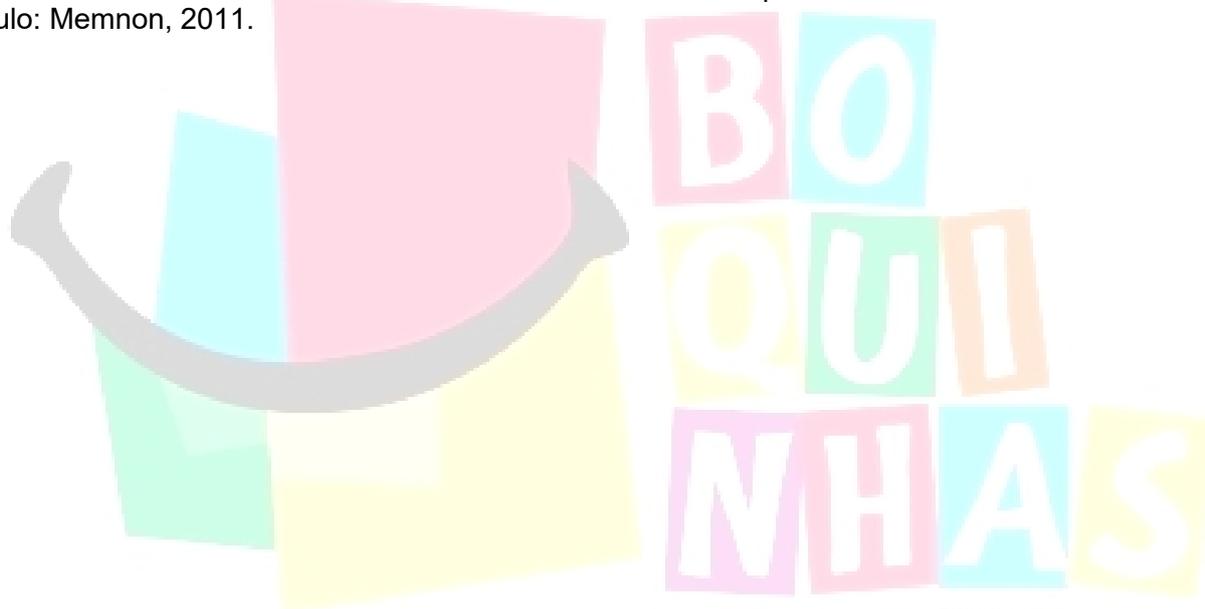
DOURADO, F. Autismo e cérebro social: compreensão e ação. Fortaleza: Premium, 2012.

GRANDIN, T. O cérebro autista/ Temple Grandin, Richard Panck; tradução 2ªed. Cristina Cavalcanti. – 2ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

JARDINI, R. S. R. & SOUZA, P.T. de. Alfabetização e reabilitação dos distúrbios de leitura/escrita por metodologia fono-vísuo-articulatória. *Pró-Fono R. Atual. Cient.* [online]. 2006, vol.18, n.1 [cited 2016-08-13], pp.69-78.

MERCADANTE, M.T. Autismo e cérebro social, São Paulo: Segmento Farma, 2009.

SCHWARTZMAN, J.S. & ARAÚJO, C. A. de. Transtorno do espectro do autismo – TEA. Vários Autores– São Paulo: Memnon, 2011.



## INTRODUÇÃO LÚDICA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO FONOARTICULATÓRIO COM CRIANÇAS DE 3-4 ANOS

SIMON, Sue Ellen  
[sue@sssimon.com](mailto:sue@sssimon.com)  
GIARETTA, Juliana  
[ju.regagnin@gmail.com](mailto:ju.regagnin@gmail.com)  
LUCHESE, Ana Maria  
[aninhaluchesi@yahoo.com.br](mailto:aninhaluchesi@yahoo.com.br)  
SAVOY, Érica  
[ericadoiche@gmail.com](mailto:ericadoiche@gmail.com)  
RECKA, Lilian Bruna  
[bruna\\_recka@hotmail.com](mailto:bruna_recka@hotmail.com)  
Colégio Divino Salvador – Jundiá/SP

### INTRODUÇÃO

Brincar é uma atividade presente na vida de toda criança de diversas idades e culturas. Tem importante papel no desenvolvimento e na aprendizagem, principalmente nos primeiros anos de vida, onde a criança descobre o mundo em que vive e descobre-se parte dele. Uma etapa determinante é a aquisição da linguagem e o desenvolvimento de sua oralidade. Sabe-se que aos 3 anos de idade a criança já possui um vocabulário e sua maneira de se expressar muda conforme ela amplia seu repertório oral, podendo demonstrar e relatar sentimentos como tristeza, raiva e seus desejos. Aos 4 anos de idade é quando estatisticamente a maioria das crianças apresenta uma articulação completa dos fonemas. As crianças nessa faixa etária têm o domínio da oralidade, porém não tem conhecimento consciente sobre as partes das palavras e como se organizam na linguagem oral, sendo assim o professor tem papel fundamental na estimulação e organização dessa oralidade proporcionando em momentos como a roda da conversa, rimas, parlendas e cantigas. Antes de submeter à criança ao conhecimento das letras é fundamental que sejam trabalhadas habilidades pré-requisitos para a alfabetização. Estes pré-requisitos devem ser apresentados às crianças na Educação Infantil, a partir de três ou quatro anos de idade favorecendo a aquisição da leitura e escrita, com o trabalho em estágios iniciais desse desenvolvimento, partindo de indivíduos com hipóteses de escritas pictóricas ou iconográficas (garatujas), oferecendo-lhes subsídios consistentes e diversificados com enfoque multissensorial (JARDINI, 1997).

Tendo clara a importância da intervenção do professor como facilitador neste processo de desenvolvimento da consciência fonoarticulatória, e percebendo necessária a fundamentação teórica para uma educação de qualidade, a coordenação, responsável pela formação continuada dos educadores, buscou capacitá-los com o objetivo de que houvesse uma maior consciência da importância de um trabalho de compromisso com a Educação Infantil e que, conseqüentemente, resultasse em uma mudança na prática pedagógica.

Iniciou-se, a partir desta capacitação o interesse em trabalhar habilidades e pré-requisitos para o desenvolvimento da consciência fonoarticulatória dentro da educação infantil juntamente com o Método das Boquinhas e ferramentas lúdicas que foram criadas e adquiridas com a multiplicadora do método.

O presente trabalho, aborda o desenvolvimento do processo da consciência fonoarticulatória com o uso do Método das Boquinhas e a ludicidade em crianças de 03 a 04 anos de idade, frequentadoras do Pré I de uma Escola Particular de Jundiá-SP, trabalho iniciado em janeiro de 2016, e, que, permanece em andamento.

### OBJETIVO GERAL

Propiciar através do lúdico, o desenvolvimento do processo da consciência fonoarticulatória em crianças de 03 e 04 anos.

### MÉTODO

O material utilizado foi o Método das Boquinhas (fascículo 1 VOGAIS do Kit Completo Novo Alfabetização com Boquinhas) e jogos (jogos de memória, jogo Lince de Boquinhas, além de jogos no laboratório de informática), proporcionando uma aprendizagem lúdica.

Foi desenvolvido pela professora de informática da educação infantil, um jogo digital de autoria própria (vide FIG.1 e 2), criado a partir de um software de autoria; programa multimídia que possibilita a integração de texto, imagens e sons, permitindo o desenvolvimento de uma variedade de atividades alternativas que podem estimular o desenvolvimento cognitivo, a linguagem e a autonomia dos usuários favorecendo assim o processo ensino-aprendizagem.





FIG. 1

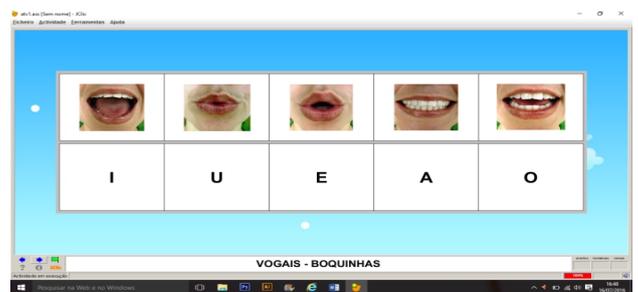


FIG. 2

## DESENVOLVIMENTO

O projeto iniciou-se em fevereiro de 2016, com a capacitação através da multiplicadora do Método das Boquinhas, onde percebeu-se a necessidade em se trabalhar desde as séries iniciais a consciência fonológica para o desenvolvimento de linguagem e escrita que se daria posteriormente a idade trabalhada, com intuito de garantir as crianças um melhor aproveitamento de sua escolarização.

O trabalho foi iniciado com a apresentação das VOGAIS (Livro 1 fascículo Alfabetização com Boquinhas), por sua fácil articulação, por estarem presentes em todas as sílabas, além do fato de os nomes de suas letras serem iguais ao som que elas produzem, favorecer a aquisição do fonema. Para a aprendizagem sistemática onde a criança aprende a vogal associada à boca e à letra (fonema/articulema/grafema) utilizamos a seguinte sequência das vogais: A/O/ U,W/E/ I,Y.

Juntamente com os jogos digitais, foram trabalhados o fonema e o grafema, e para o desenvolvimento articulatório, utilizou-se entre outros jogos (LINCE, VIDE fig.3 e jogo da forca) o espelho e brincadeiras entre pares (dança das vogais, vide FIG 4 e 5).



Fig. 3



Fig. 4



Fig. 5

Dando continuidade no processo do ensino do fonema/articulema/grafema, foram feitos alguns registros e juntamente com eles o traçado e o aprimoramento da coordenação motora fina. Foi utilizado como parte do trabalho o projeto (MEU MUNDO DE DESCOBERTAS, vide fig.6) desenvolvido pela série para a experiência, fixação e verificação dos conteúdos lecionados, culminando em registros contextualizados com o que as crianças estavam vivenciando em sala de aula através do projeto. Para o processo de consciência fonológica, além de muitas atividades dentro dos jogos digitais elaborados pelas professoras polivalentes da série e pela professora de informática dentro do contexto do que estava sendo abordado em sala através do projeto, utilizou-se as vogais dentro das palavras (quais vogais? Quantas vogais? Qual posição da vogal, início, meio ou final) e do treino auditivo e articulatório.

Dentro do desenvolvimento do trabalho, juntamente com a capacitação dada pelo Método das Boquinhas, foi possível inserir nos conteúdos o erro construtivo, que faz parte do processo de desenvolvimento da criança e seu significado de construção para a apropriação dos conhecimentos.



Fig.6



Fig. 7

## RESULTADOS E CONCLUSÃO

[www.metododasboquinhas.com.br](http://www.metododasboquinhas.com.br)



Como resultado obtido através de sondagens e escrita espontânea regulares (realizadas mensalmente), pode-se avaliar parcialmente (ainda em andamento) um desenvolvimento satisfatório para a idade, onde observou-se que através de estímulos multissensoriais a criança desenvolve primeiro seu pensamento apreendendo através da utilização de vários estímulos neurológicos, onde a fala e a audição do fonema apreendido contribui neste processo de registro do grafema que se quer registrar ( Cérebro aprende, a boca auxilia a mão a escrever).

Sendo assim, concluiu-se que, até o momento, a consciência fonoarticulatória foi adquirida com sucesso, bem como a compreensão necessária para o processo de sistema de escrita alfabética das etapas e séries sequenciais.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

FALKEMBACH, G. A. M; GELLER, M.; SILVEIRA, S. R. Desenvolvimento de jogos educativos digitais utilizando a ferramenta de autoria multimídia: um estudo de caso com o ToolBook Instructor. UFRGS, 2006.

JARDINI, R. S. R.; SOUZA, P. T. Boquinhas na Educação Infantil: Professor. Bauru: 2007. 2ª Ed., 2009.

JARDINI, R. S. R.; SOUZA, P. T. Boquinhas na Educação Infantil: Aluno. Bauru: Jardim, 2007. 2ª Ed., 2009.

JARDINI, R. S. R.; SOUZA, P. T. Alfabetização com Boquinhas: Manual do educador. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. 2ª Ed. São José dos Campos: Pulso Editorial, 2008. 3ª Ed. Bauru: Boquinhas, 2011.

JARDINI, R. S. R.; SOUZA, P. T. Alfabetização com Boquinhas: Aluno. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. 2ª Ed. São José dos Campos: Pulso Editorial, 2008. 3ª Ed. Bauru: Boquinhas, 2011.

JARDINI, R.S.R. Livro do Professor: Boquinhas no Desenvolvimento Infantil. Bauru: Boquinhas, 2012.



## MÉTODO DAS BOQUINHAS E EAD, POSSIBILITANDO CONHECIMENTO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

VIRGULINO, Jacy Carmen Ourives  
[jacyvirgolino@hotmail.com](mailto:jacyvirgolino@hotmail.com)

### INTRODUÇÃO

A educação a distância - EAD - é uma excelente maneira de propiciar ao público uma aprendizagem diferenciada, formação continuada e qualificação profissional. A viabilização de qualquer formação depende principalmente do querer do indivíduo, da sua flexibilidade e organização.

Os meios para que isso aconteça, atualmente é facilitada com o recurso da internet, ferramenta primordial utilizada nos cursos EAD, proporciona o estudo em casa ou num ambiente de aprendizado que possibilite a leitura dos materiais disponibilizados. As tecnologias nos ajudam nesta construção, facilitando a pesquisa, a interação e, principalmente, a personalização do processo. Pela pesquisa, aceleramos o acesso ao melhor que acontece perto e longe de nós. Pela interação aprendemos com a experiência dos outros. Com a personalização, adaptamos o processo de aprendizagem ao ritmo possível de cada aluno, às condições reais de cada um, às motivações concretas para adquirir a aprendizagem.

As tecnologias são cada vez mais multimídias, multissensoriais, resgatando conhecimentos prévios e possibilitando a aprendizagem de forma prazerosa. Minha ideia inicial, enquanto aluna de EAD, era de um curso que proporia teorias e mais teorias e no final receberia o certificado e pronto, mais um momento de leitura. Entretanto, Boquinhas mostrou que curso a distância é muito mais que isso, pois o embasamento teórico apresentado nos instiga, nos inquieta, propõe reflexões e as atividades sobre a prática, representa o grande facilitador durante o processo de aprendizagem, relacionando teoria e prática de forma contundente e eficaz.

Enquanto profissional, o estudo, a leitura, são recursos para estimular, ensinar esse novo aprendiz/aluno/paciente que a cada dia encontro. O estudo contínuo através de instituições comprometidas com a aprendizagem nos dá esse suporte para a busca de informações fidedignas.

### METODOLOGIA

O curso é dividido em módulos, onde contemplam resenhas de textos, vídeo aulas, chats e avaliação. A leitura das resenhas oportuniza o conhecimento de artigos científicos que muitas vezes estão distantes do cotidiano, seja por falta de oportunidade ou interesse por esse tipo de leitura.

As vídeo-aulas demonstram a teoria, uma síntese, um olhar específico com o qual já estamos trabalhando, o vídeo ilustra, amplia, exemplifica, provoca inquietação e serve como abertura para um tema, como uma sacudida para a nossa inércia. Ele age como tensionador, na busca de novos posicionamentos, quebra de paradigmas.

A participação no chat, esta interação acontece de forma peculiar, pois estamos tão acostumados com “bate-papo” sobre inúmeros assuntos, que muitas vezes não somos objetivos no assunto abordado, entretanto nesse momento o tutor lança um assunto pertinente a semana estudada e vai mediando a conversa, realmente um bate-papo sobre o tema abordado, não há certo e/ou errado, há ideias, interpretações diferentes onde estas enriquecem a vivência de cada um dos participantes.

A cada semana também acontece o envio de atividades, momento ímpar da autoavaliação, pois o tutor media, mostra, interage com o aluno individualmente, e com isso há a oportunidade de ressignificar seus saberes. Independente da graduação do aluno, este é um momento ímpar de aprendizagem, pois em alguns casos, profissionais que se formaram há muito tempo, não estudaram sobre determinados temas, ou, não conseguiram aliar teoria e prática, e essa junção o curso EAD no Desenvolvimento Infantil mostra a cada módulo, vale ressaltar que o conhecimento adquirido desde o início da nossa formação é importante, tem a sua função, mas não dá para considerar apenas aquele aprendizado, pois a cada momento aparecem informações novas que antes eram inimagináveis. Então nada mais adequado que mesclar as novas aprendizagens com as antigas e com sagacidade escolher qual vai auxiliar naquele momento, naquela situação, pois o que funcionou ontem, hoje, talvez não seja tão eficaz. Como já dizia um trecho da música de Raul Seixas “eu prefiro ser essa metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo...”.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente como tutora do curso EAD Boquinhas no Desenvolvimento Infantil há cada turma que faço as mediações, a aprendizagem é ampliada, pois a troca de experiências é



importante para quem se preocupa com a base da educação brasileira.

Durante o curso, (duração média de 04 meses) reflete-se sobre os pré-requisitos para a aquisição da alfabetização, uma criança da Educação Infantil, com cerca de 3-5 anos de idade deve ter conhecimento de conceitos edos pré-requisitos que compõem o SFL (Sistema Funcional da Linguagem), ou seja: esquema corporal, cores, formas geométricas, noções espaciais, noções temporais, sequência lógica temporal, contagem, análise e síntese visual e auditiva, consciência fonológica/fonêmica, ritmo, memória visual, auditiva e cinestésica, coordenação visuomotora e motora fina, lateralidade, figura/fundo, vale ressaltar que essas noções vão se aprofundando com a maturação cerebral e devem ser treinadas.

As habilidades acima mencionadas, no curso EAD- Boquinhas, são demonstrados, inclusive é a proposta do livro de Boquinhas no Desenvolvimento Infantil. Tais conceitos, “antigamente chamados de “prontidão” eram treinados nas pré-escolas, havendo inúmeras cartilhas para essa exercitação. Porém, na maioria das vezes, este treino era puramente mecânico e restrito aos “trabalhinhos”, em que a criança decorava os conceitos, sua nomenclatura, não os internalizando” (JARDINI, 2009). Partilhamos com a convicção de Jardini “que *todos* os conceitos do SFL devam ser treinados, em menor ou maior grau, com quaisquer crianças, e fundamentalmente, com aquelas que possuam algum tipo de dificuldade de aprendizagem. Mas defendemos este treino consciente, contextualizado, vinculado à necessidade de aprendizagem atual em que o ser vivencia”.

As habilidades necessárias dessa fase que devem ser estimuladas e/ou ensinadas, as perspectivas para minimizar dificuldades apresentadas pelas crianças e quais as possibilidades de intervenção, num momento tão especial em que as “janelas de oportunidade” estão a espera de estímulos. Pensando nessas questões, propôs-se a realizar esta comunicação oral sobre o EAD no Desenvolvimento Infantil, uma metodologia idealizada por Renata Jardini, autora do Método das Boquinhas, para trabalhar os pré-requisitos tão necessários e por vezes esquecidos durante a educação infantil nas escolas brasileiras, mostrando aos educadores e profissionais afins, um pouco mais sobre o desenvolvimento peculiar dessa faixa etária. O objetivo desta apresentação é mostrar aos participantes de maneira objetiva, quais as ferramentas necessárias para preparar essas crianças, respeitando seu conhecimento prévio, aliado com o método eficaz e para o desenvolvimento pleno da aprendizagem. Só as tecnologias não dão conta desta nova pedagogia, desta nova postura necessária para uma educação inovadora. Mas, pressupondo estas bases, as tecnologias facilitam e muito esta inovação.